



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Faculdade Ciências do Desporto e Educação Física

**DESPORTIVISMO E COMPETÊNCIAS SOCIAIS DE ADOLESCENTES EM
RISCO: estudo com rapazes dos 14-18 anos em Centros de Reinserção Social**

JORGE MIGUEL CORDEIRO GRIFO

Junho, 2010

UNIVERSIDADE DE COIMBRA
Faculdade Ciências do Desporto e Educação Física

**DESPORTIVISMO E COMPETÊNCIAS SOCIAIS DE ADOLESCENTES EM
RISCO:** estudo com rapazes dos 14-18 anos em Centros de Reinserção Social

JORGE MIGUEL CORDEIRO GRIFO

Dissertação com vista à obtenção do grau de mestre em Lazer e Desenvolvimento Local
sob orientação do Prof. Doutor Carlos Eduardo Gonçalves
e do Prof. Doutor Manuel J Coelho e Silva

Junho, 2010

AGRADECIMENTOS

No final do presente estudo, não quero deixar de prestar os mais sinceros agradecimentos, a algumas pessoas, sem as quais a sua concretização estaria comprometida.

Ao Professor Doutor Carlos Eduardo de Barros Gonçalves e Professor Doutor Manuel J Coelho e Silva, pela disponibilidade no apoio e orientação deste trabalho;

Aos jovens que fizeram parte da amostra estudada, aos coordenadores e directores dos centros educativos e directora geral da DGRS;

A toda a minha família, que com muito sacrifício, sempre me apoiou, permitindo a minha formação e a realização dos meus sonhos;

À minha mulher Catarina Costa por todo o apoio e incentivo demonstrado;

A todos os professores, funcionários e colegas que directamente ou indirectamente tornaram possível a realização deste trabalho.

ÍNDICE GERAL

Capítulo 1 – Introdução	1
Pertinência do estudo	1
Ambiente Social	2
Caracterização da População Alvo.	3
Atitudes face ao desporto	5
Objectivos do estudo	7
Capítulo 2 – Revisão da Literatura	9
Educação no Desporto	9
Valores Sociais	13
Atitudes Face à Prática Desportiva	16
Ética e Fair-Play no Desporto	18
Desenvolvimento Moral	22
Delinquência Juvenil ou Condutas Anti-Sociais	25
Capítulo 3 – Metodologia de Investigação	27
Amostra	27
Instrumentos	27
Procedimentos	28
Tratamento de Dados	28
Capítulo 4 – Resultados e Discussão	29
Capítulo 5 – Conclusões	36
Referências Bibliográficas	39
Anexos	

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1	Proveniência dos jovens educandos	27
Tabela 2	Estatística Descritiva dos Itens do (SAQp), relativos à população de jovens inseridos em centros educativos	29
Tabela 3	Análise factorial exploratória (Centros Educativos).....	31
Tabela 4	Efeitos da idade sobre as dimensões do SAQp	32
Tabela 5	Efeitos da pertença a um centro de reinserção sobre as dimensões do SAQp	33
Tabela 6	Estatística Descritiva e t-teste para testar o efeito da liberdade sobre as respostas dos jovens aos itens do (SAQp)	34

ANEXOS

Anexo 1

Versão em português do Sport Attitudes Questionnaire

CAPÍTULO 1

INTRODUÇÃO

Pertinência do estudo

A sociedade actual parece viver uma crise de valores familiares e sociais, crise essa que presumivelmente se reflecte na educação dos jovens e na formação da sua estrutura emocional e psíquica. Nas últimas décadas o desporto tem-se tornado numa componente importante da sociedade moderna. Os jovens dispõem hoje de mais tempo livre e o desporto desempenha um papel relevante nos domínios da educação, saúde e do lazer (Gonçalves, 1990). O desporto, como instrumento moralmente educativo e formador, constitui a base fundamental das propostas dos teóricos do Olimpismo. Neste contexto, o desporto moderno surge alicerçado numa crença que se tornou mítica em virtudes pedagógicas e formadoras de virtudes individuais e sociais, que nutrem valores éticos transferíveis do estádio para a vida (Gonçalves, Freitas, Cardoso, Lourenço & Silva, 2005).

A socialização dos jovens é assegurada por diversos factores, podendo ser destacados, como os mais valorizados, a família e a educação. No entanto, cada vez mais é apontado o aumento do número de crianças que crescem com reduzida orientação parental ou sem qualquer orientação parental, fruto não só das exigências económicas, em que muitos pais passam cada vez mais tempo fora de casa a trabalhar, passando os jovens largos períodos de tempo entregues a si próprios, mas também devido à crise da família e ao aumento das famílias monoparentais. Alguns jovens passam mais tempo sozinhos ou junto dos seus pares do que com os seus pais/educadores, crescendo em bairros desestruturados, potenciadores de comportamentos desviantes, muitas vezes violentos (Amaral et al., 2009).

Por outro lado, como refere Seixas, in Amaral et al., (2009), existe uma maior desmotivação dos jovens face à escola e o abandono escolar direcciona os jovens, não para o trabalho rural e fabril, como antigamente, mas para a marginalidade, praticando furtos, prostituição e dedicando-se à toxicoddependência. Os jovens que crescem em famílias desestruturadas e que não cumprem do seu papel de educadores, mais facilmente integram o mundo da delinquência, na medida em que os mesmos se encontram alheados de valores socialmente positivos e com dificuldades em distinguir o bem e o mal. Para prevenir a

criminalidade juvenil, mais importante do que a repressão é a prevenção, através da educação, de forma a reforçar o pensamento ético e social (Amaral et al., 2009). De facto, quando o processo de socialização do indivíduo é efectivo origina que o mesmo se reveja nos valores sociais e nos tutelados pelo direito (*ibidem*).

Ao longo dos últimos anos tem vindo a defender-se que o desporto proporciona um meio favorável ao desenvolvimento social, de características positivas e de carácter. Segundo Shea (1978), o contexto da actividade física promove excelentes oportunidades para aplicar deliberações éticas e uma forma de determinar as condutas considerando-as correctas ou incorrectas.

Tendo isto em conta, poder-se-á perguntar até que ponto é que a actividade física e o desporto são um marco integral na educação dos jovens, através da manifestação de um determinado reportório de condutas e sistemas de valores, e de que forma pode influir sobre estes valores e atitudes na configuração da personalidade e no carácter dos jovens. Segundo Matos (2009) a actividade desportiva contribui para o desenvolvimento integral e respectiva formação moral nos jovens.

O desporto pode apresentar qualidades formativas que derivam da própria sociedade industrial, investida numa base de igualdade de oportunidades. No entanto, o impacto do desporto nos jovens pode não ser apenas gerador de convicções e atitudes pró-sociais. Neste âmbito, o comportamento dos atletas deveria pautar-se pelo desportivismo (*fair-play*), sendo este tipo de comportamento composto pelo respeito de regras e pelos adversários, e igualdade nas condições entre os intervenientes (Gonçalves, 2007). Neste sentido, Shields e Bredemeier (2002) referem que o desenvolvimento moral nestes jovens, através da participação desportiva, está dependente, entre outras variáveis, da estrutura da modalidade desportiva, da qualidade e estilo de treino/ensino e do apoio social (nomeadamente de famílias e pares).

Ambiente Social

Cada vez mais se assiste a um início precoce da prática de ilícitos criminais por parte dos jovens, o que tem acompanhado o cada vez maior crescimento urbano. Este crescimento urbano provoca também uma concentração da população mais carenciada de recursos económicos em determinadas zonas (Lourenço, Lisboa & Graça, 2007). Nestas zonas, em que a taxa de desemprego é muito elevada, e em que a maioria dos jovens abandona o sistema escolar antes dos 14 anos (*ibidem*), emergem os “gangs”, sendo cada vez mais baixa a idade

em que os menores integram estes grupos que, para além de utilizarem armas, adoptam estratégias de organização típicas de associações criminosas.

Também a desagregação do ambiente familiar potencia o início precoce dos jovens na prática de ilícitos criminais. De facto, o aumento das taxas de divórcio provoca, muitas vezes, uma diminuição dos rendimentos das famílias, que não conseguem propiciar aos jovens o mesmo nível de vida que tinham anteriormente e ao qual estavam habituadas, o que propicia, sobretudo, a prática de crimes contra o património, por parte dos menores (obra citada, pág. 54 e 56). A união dos jovens em grupos advém de uma necessidade de afirmação da sua identidade social e configura uma forma de os jovens ultrapassarem a falta de equipamentos sociais e de opções para a ocupação de tempos livres nos bairros onde vivem. Muitas vezes, a existência de vários grupos dentro de um bairro origina uma luta pela “apropriação” do território, com confrontos e rixas entre grupos, bem como a vandalização do património, com a inscrição de graffitis, que configuram uma forma de afirmação dos jovens.

Caracterização da População Alvo

Aos jovens com idades compreendidas entre os 12 e os 16 anos que praticam factos passíveis de integrarem a violação de normas jurídicas, não são aplicáveis as penas previstas no Código Penal mas as que se encontram previstas na Lei Tutelar Educativa.

A especificidade das penas aplicáveis aos jovens entre os 12 e 16 anos (pode, no entanto, existir aplicação de medida tutelar educativa até aos 21 anos desde que o seu início tenha sido antes do menor perfazer os 16 anos), prende-se com o facto de estes jovens, para além de necessitarem de protecção e integração, essencialmente necessitam de serem educados para o direito. A aplicação de uma medida tutelar educativa não visa punir o menor mas educá-lo para o direito, na medida em que o menor, cuja personalidade jurídico-penal se considera não estar, ainda, completamente formada, com o seu comportamento, manifestou uma situação desviante, demonstrando ruptura para com as normas jurídicas instituídas pela sociedade. Importa, assim, educar o menor para que interiorize as normas e os valores jurídicos, evitando a sua sujeição a um sistema estigmatizante e penalizador, como é a punição aplicada aos adultos.

“Crianças com comportamento perturbado persistente têm a probabilidade de se tornarem crianças delinquentes e, por sua vez, crianças delinquentes têm probabilidade de se tornarem delinquentes juvenis graves, violentos ou crónicos.” (Loeber, Farrington & Petechuk, 2004). Daí a necessidade de uma intervenção precoce do direito sobre estes jovens, através da Lei Tutelar Educativa.

As medidas previstas na Lei Tutelar Educativa passam pela admoestação, a reparação do ofendido, a imposição de regras de conduta, o acompanhamento educativo e o internamento em centros educativos, que pode ser em regime aberto, semiaberto ou fechado. A medida mais gravosa das medidas tutelares educativas é a medida de internamento em centro educativo, sendo, por isso, aplicável apenas aos casos mais problemáticos, em que se afigura essencial o afastamento temporário do menor do seu meio habitual, seja a família, o bairro, os amigos. De acordo com o nº 1 do artigo 17º da Lei Tutelar Educativa *“A medida de internamento visa proporcionar ao menor, por via do afastamento temporário do seu meio habitual e da utilização de programas e métodos pedagógicos, a interiorização de valores conformes ao direito e a aquisição de recursos que lhe permitam, no futuro, conduzir a sua vida de modo social e juridicamente responsável.”*

Os centros educativos são estabelecimentos orgânica e hierarquicamente dependentes dos serviços de reinserção social (cfr. artigo 144º, nº 1 da Lei Tutelar Educativa) e neles apenas se encontram jovens que praticaram tipificados pela lei como crime, na medida em que os menores em perigo retirados à família através da intervenção da Lei de Promoção e Protecção de Crianças e Jovens em Perigo são institucionalizadas em instituições diferentes dos centros educativos, e com objectivos diferentes.

Quando o menor entra num centro educativo é elaborado um plano educativo do menor, que tem em conta o regime e a duração da medida que foi aplicada, as particulares motivações, necessidades educativas e reinserção social do menor (cfr. artigo 166º da Lei Tutelar Educativa).

Para esta medida poder ser aplicável, em regime fechado, deverá o menor ter mais de 14 anos à data da aplicação da medida e o facto ilícito típico punível com pena de prisão superior a 5 anos ou, pelo menos, dois factos contra as pessoas qualificadas como crimes a que corresponda pena máxima, abstractamente aplicável, de prisão superior a 3 anos. O regime fechado é aplicável aos casos mais graves, e, durante o internamento, os menores residem, são educados e frequentam actividades formativas e de tempos livres exclusivamente

dentro do estabelecimento, estando as saídas estritamente limitadas ao cumprimento de obrigações judiciais, satisfação de necessidades de saúde ou outros motivos ponderosos (cfr. artigo 169º da Lei Tutelar Educativa). Nestes casos, o centro educativo tem de assegurar a organização e a realização interna de actividades formativas e lúdicas inerentes à realização do projecto educativo do menor. No entanto, o internamento pode também, para os casos menos graves, ser em regime semiaberto e aberto. No regime aberto os menores residem e são educados no estabelecimento mas frequentam o exterior relativamente às actividades escolares, educativas, desportivas e de tempos livres previstas no seu projecto educativo (cfr. artigo 167º da Lei Tutelar Educativa). No regime semiaberto os menores residem, são educados e frequentam actividades educativas no centro educativo, mas podem ser autorizados a frequentar no exterior actividades escolares, de formação ou desportivas quando tal se revele necessário para a execução inicial ou faseada do seu projecto educativo (cfr. artigo 168º da Lei Tutelar Educativa).

É com base neste enquadramento que o presente estudo pretende analisar uma amostra de jovens educandos de dois Centros Educativos (um em regime fechado e o outro em regime semiaberto) directamente dependentes do Instituto de Reinserção Social afectos à Delegação Regional de Lisboa e comparar os dados obtidos com outros estudos feitos em outras populações de jovens; desta forma saber se as atitudes face ao desporto reveladas pelos jovens educandos em centros educativos são substancialmente diferentes de outras populações de jovens em contextos desportivos idênticos, apesar das diferentes realidades em que se encontram inseridos (em liberdade/reclusão). Neste seguimento, para verificar os níveis de batota, anti-desportivismo e grau de importância da vitória, utilizamos o *Sport Attitudes Questionnaire* (SAQp).

Atitudes face ao desporto

No campo específico do desporto, entende-se que o comportamento dos atletas se deveria pautar pelo respeito pelo *Desportivismo* (*sportspersonship* ou *fair-play*), conceito que englobaria um conjunto de “boas práticas”, que confeririam um carácter educativo ao treino e à competição. Cruz et al. (2001) afirmam que o Desportivismo se compõe de: respeito pelas regras e pelos adversários; igualdade de condições entre os intervenientes; renúncia à vitória a todo o custo; dignidade nas vitórias e nas derrotas; “dar o melhor de si mesmo”.

Para responder à questão de avaliação do construto *Desportivismo*, Vallerand et al. (1997) propõem a *Multidimensional Sportspersonship Orientations Scale* - MSOS-25. O instrumento baseia-se nas cinco dimensões do *Desportivismo*, propostas por Vallerand et al. (1996): empenhamento na participação; respeito pelas convenções sociais; respeito pelas regras e pelos árbitros; respeito pelo adversário; abordagem negativa do desportivismo. Cada dimensão é representada por cinco itens.

Na mesma linha, mas partindo da sua própria definição de *fairplay*, Boixadós e Cruz (1995) desenvolvem um instrumento de medida, a *Escala d'Actituds de Fair Play* (EAF/C), composta por 22 itens e destinada a medir as atitudes dos atletas face à sua prática desportiva. Num estudo com futebolistas federados, com idades entre os 13 e os 19 anos, foram identificados três factores: *ganhar; jogo duro; espírito do jogo e divertimento*.

Por seu lado, e respondendo a uma solicitação do Conselho da Europa e do *Sports Council* do Reino Unido, que visava o estudo da ética na prática desportiva infanto-juvenil, Lee (1996) coordenou uma pesquisa que deveria conduzir à elaboração de questionários de valores e atitudes, direccionados para o desporto de jovens. O modelo adoptado (Lee, 1996; Lee, Whitehead, Ntoumanis & Hatzigeorgiadis, 2002; Whitehead, Lee & Hatzigeorgiadis, 2003), para estudar e avaliar as premissas morais individuais que determinam as decisões, parte do princípio que as atitudes são contingentes à situação dada e informam sobre o comportamento que o atleta assumiria face a um potencial conflito moral (Prat & Soler, 2003). Neste sentido, as atitudes representariam, para o atleta, a avaliação afectiva e instrumental da conduta a adoptar (Chantal, Robin, Vernat & Bernache 2005, Reinboth, Duda & Ntoumanis 2004).

Partindo da identificação de atitudes efectuada por um grupo de peritos, Lee (1996) elaborou o *Sports Attitudes Questionnaire* (SAQ), de 26 itens, que foi aplicado a uma amostra de 1391 atletas, dos 12 aos 16 anos, rapazes e raparigas, praticantes dos desportos mais populares no Reino Unido. O questionário compreende quatro escalas: *Batota*, *Anti-desportivismo*, *Vitória a todo o preço* e *A vitória não é o mais importante*. Em estudo posterior, Lee et al. (2002) modificam o SAQ de modo a que duas sub-escalas do MSOS-25 proposto por Vallerand et al. (1997) - *empenhamento na participação*, *respeito pelas convenções sociais* – substituam as escalas *A vitória não é o mais importante* e *Vitória a todo o preço* da versão original. Os itens do questionário são reduzidos para 23, resultando numa proposta de modelo de quatro factores, sendo dois considerados socialmente positivos (*Empenhamento* e *Convenção*) e dois socialmente negativos (*Batota* e *Anti-desportivismo*). O

instrumento é aplicado a uma amostra de 549 atletas, dos 13 aos 16 anos, rapazes e raparigas, praticantes dos desportos mais populares no Reino Unido (Lee, Whitehead, Ntoumanis & Hatzigeorgiadis, 2002), (Whitehead, Lee & Hatzigeorgiadis, 2003). Neste estudo, a consistência interna do modelo de quatro factores revela-se elevada; o coeficiente do *alfa-de cronbach* para o *Empenho* foi .68, para a *Convenção* .82, para a *Batota* .81 e para o *Anti-desportivismo* .84. O *Sports Attitudes Questionnaire* foi aplicado a amostras de idades e de composição de demografia desportiva similares à população-alvo do presente estudo (dos 13 aos 16 anos, que, para além de atravessar o período da adolescência, corresponde igualmente à etapa de especialização na maioria das modalidades desportivas) e a sua validade psicométrica foi verificada no Reino Unido (Lee, Whitehead, Ntoumanis & Hatzigeorgiadis, 2002). Do mesmo modo, o modelo de quatro dimensões, sendo duas consideradas socialmente positivas e duas consideradas socialmente negativas, para além de demonstrar sólida consistência interna, está em consonância conceptual com os instrumentos propostos por Vallerand (1997) ou Boixadós e Cruz (1995).

Posteriormente Gonçalves, Coelho e Silva, Chatzisarantis, Lee e Cruz (2006), procederam à tradução do Sports Attitudes Questionnaire (SAQ), procurando avaliar o papel educativo do desporto infanto-juvenil organizado em duas amostras independentes de atletas com idades compreendidas entre os 13 e os 16 anos. Com base nos resultados de 511 sujeitos (247 rapazes e 264 raparigas), a análise factorial exploratória identificou quatro dimensões. A análise factorial confirmatória evidenciou o ajustamento do modelo de quatro factores aos dados obtidos numa amostra de 482 sujeitos (248 masculinos e 234 femininos). Em resumo, a versão portuguesa do questionário de atitudes face ao desporto parece apta a ser utilizada em futuras pesquisas.

Objectivos do estudo

Dando continuidade ao que foi dito anteriormente, e com a aplicação do SAQp (Sports Attitudes Questionnaire), o nosso estudo pretende verificar se as dimensões do SAQp são idênticas entre os jovens com idades entre os 14-18 anos, pertencentes ao Centro Educativo de Reinserção Social em regime fechado e semiaberto. No mesmo seguimento, verificar se as dimensões do SAQp (Sports Attitudes Questionnaire) são idênticas independentemente do escalão etário considerado (sub 16 e mais de 16). Especificamente, o nosso estudo pretende verificar as atitudes face ao desporto em jovens com idades entre os 14-18 anos pertencentes

ao Centro Educativo, comparativamente com jovens que vivem em liberdade. Deste modo, os objectivos do presente estudo são: a) Descrever as atitudes face à prática desportiva em jovens com idades entre os 14-18 anos, em Centros Educativos de Reinserção Social; b) Comparar os resultados obtidos com os resultados de jovens praticantes desportivos das mesmas idades, vivendo em liberdade.

CAPÍTULO 2

REVISÃO DA LITERATURA

Educação no desporto

O desporto pode ser entendido como uma actividade física onde os indivíduos ao dispor do seu próprio corpo, utilizam-no segundo a sua consciência e o seu crer. É nesta acção que os indivíduos interagem em diferentes níveis de participação, diferentes práticas desportivas segundo os valores presentes na sociedade.

Segundo Gonçalves (2007), subsiste uma convicção generalizada de que o desporto, só por si, “faz bem”, sendo um excelente meio ou factor promocional para a saúde, socialização, ocupação de tempos livres, formação de carácter, habilidades motoras e educativo. Desta forma, a prática desportiva assume uma importância globalmente positiva, que deve ser proporcionada a todos, em especial às crianças e jovens que são mais “predispostos a serem influenciados pela educação”.

O desporto faz parte da nossa sociedade e ambos são regidos pelos mesmos sistemas de normas e valores (Bento, 1998). Analisando a evolução do desporto moderno e dos valores sociais actuais verifica-se que a ambição e os interesses pessoais subjacentes à competitividade dos estilos de vida adoptados se sobrepõem aos interesses sociais (Paddick, 1991).

Segundo Shields e Bredemeier (1995), a disciplina de Educação Física apresenta vantagens comparativamente ao desporto (federado ou escolar) no desenvolvimento moral dos jovens, devido ao seu carácter obrigatório, que promove uma prática que se estende a todos os alunos, mesmo os menos dotados, e não está subjugada à vitória e às recompensas, preocupando-se com a formação, envolve toda a comunidade educativa, e destaca o envolvimento afectivo onde o professor de Educação Física tem a responsabilidade de fomentar todos os valores morais.

Segundo Serpa, in Serpa et al., (2006), o desporto é uma actividade social em que os praticantes necessitam de companheiros adversários e em que existem situações várias de cooperação e competição. Quer no caso de derrotado quer no caso de vencedor deve haver o máximo de empenho, enquanto dever ético, de modo a que as dificuldades criadas ao

adversário permitam aos dois a passagem para níveis superiores de competência desportiva (Serpa, et al., 2006).

Segundo vários autores (Gonçalves, Cumming, Silva & Malina, 2007) e estudiosos, no âmbito da educação física e desporto juvenil, o mais importante para o bem-estar dos jovens no contexto de “fair-play” no desporto, é ser introduzido no mesmo o mais cedo possível, de forma a ter efeitos profundos e duradouros, para que mais tarde a educação desportiva reapareça, reclamando o seu papel na promoção e desenvolvimento moral. Neste contexto, segundo os mesmos autores, quer o treino, quer a competição, devem ter uma dimensão ética, em que os jovens sejam incentivados a tomar decisões moralmente correctas, que expressem elevados valores de juízo moral. No entanto, o facto de alguns jovens terem elevados níveis de juízo moral, não significa que os apliquem no treino ou em competição.

No final deste século, o desporto começou a ser visto de forma diferente, deixou de se ver a competição como o único fim do desenvolvimento da prática desportiva, dando lugar a uma vertente de realização humana. Esta nova mentalidade defende uma cultura física mais abrangente, generalizada a todos os escalões etários, com o objectivo de ocupar os tempos livres e de proporcionar um estilo de vida saudável (Marivoet, 2002).

O desporto constitui-se como um espaço social de interacção por excelência, tendo evoluído ao ritmo do desenvolvimento da sociedade, produzindo e reproduzindo nos sujeitos, que nele interagem, as mesmas necessidades sociais e os mesmos valores que se experimentam noutros espaços. Ao desporto pertencem diferentes modalidades, individuais ou colectivas, amadoras ou profissionais, de alta competição ou não. A cada modalidade estão associados diferentes objectivos e diferentes investimentos individuais, dependendo do seu significado e importância na sociedade em que se inserem.

O pensamento de Brohm (1992) demonstra-nos, claramente, como o desenvolvimento do desporto moderno acompanhou o desenvolvimento do capitalismo, introduzindo novos valores e novos objectivos nos seus praticantes. Esta influência não se fez sentir em todos os desportos de igual forma, mas na grande maioria deles, tendo repercussões mais significativas nos desportos de massa, como é o caso do futebol. Por sua vez, o desejo de sucesso desportivo, de vitória, de ganhos económicos e sociais (de prestígio social) evidenciam o espírito capitalista presente no desporto e justificam o investimento pessoal e profissional de muitos sujeitos, em carreiras desportivas.

Marivoet (2002) refere, relativamente à nova mentalidade da cultura física, o facto de estarmos a viver “numa sociedade altamente mediática, onde a imagem ganha um valor acrescentado”. O espaço social desportivo tem, pois, passado por diferentes estágios de desenvolvimento, o que revela a complexidade deste conceito, que tem uma panóplia de configurações societárias e analíticas, porquanto incide em diversos campos da vida de um indivíduo. Contudo, nesta análise, prevalece a importância simbólica do desporto na vida quotidiana, seja associado a formas de lazer, seja associado a formas de trabalho. Como elo de ligação e motor do desenvolvimento do desporto na contemporaneidade e “como um espaço de sociabilidade e de partilha de interesses comuns”, o desporto continua a permitir “*níveis de integração social e de identificação, numa sociedade cada vez mais globalizante e mediática*”, apresentando-se ainda “*como um símbolo de distinção social e marca de um estilo de vida*”.

Claramente o desporto, fruto das influências do capitalismo neo-liberal, e de todos os conceitos a ele associados, assumiu um papel preponderante e significativo na orientação dos percursos de vida de muitos indivíduos. Isto porque a prática profissional de muitos desportos, como é exemplo o futebol, tem permitido, a certos sujeitos, a satisfação das novas necessidades sociais, relacionadas com o consumo e o desejo, latente ou manifesto, de prestígio social, sendo estas satisfeitas de uma forma rápida ou quase imediata.

Tal como defende Salomé Marivoet (2002), “*vivemos numa sociedade de consumo altamente mediática, onde o poder económico e o vedetismo se impõem, como os objectivos de maior sucesso na auto-realização individual. O desporto, como espaço social, reúne todas as características propícias no alcançar destes objectivos, parecendo tornar-se cada vez mais aliciante*”. Esta suscitação da autora espelha, claramente, o significado social que o desporto assumiu na orientação de muitos projectos de vida, tal como referenciamos anteriormente, pois tem-se revelado um espaço social rico em possibilidades de ascensão social. Neste espaço em particular é indispensável, para o cumprimento dos objectivos, a excelente capacidade física, capaz de dar resposta à demanda competitiva da vitória e da ascensão social. Este *novo* desporto contemporâneo fundamenta-se, então, nas novas necessidades impostas pelo capitalismo neo-liberal, que por sua vez conduz à emergência de “*novos valores éticos no desporto actual*”. Os novos valores, com maior ou menor visibilidade, transfiguram, por exemplo, os valores de integração e de bem-estar físico e social, outrora pilares do desporto.

O desporto segue, obrigatoriamente, o ritmo de desenvolvimento da sociedade, em todas as suas manifestações e valores dominantes. No patamar de desenvolvimento em que o desporto se encontra actualmente, torna-se inevitável que se comecem a pensar e a apontar soluções e novos caminhos para a prática desportiva, sobretudo profissional, salientando e protegendo os valores éticos e sociais de integração e interacção social, inerentes ao desporto.

O interesse pelo desporto tem vindo ao longo deste século a ganhar um importante significado social, sobretudo nas sociedades ocidentais mais industrializadas, assim como se tem assistido a uma diversificação nas formas de estar e participar neste espaço social. Consideramos que a problemática dos envolvimento sociais no desporto se situa ao nível da valorização dada pelos diferentes grupos sociais, à capacidade de realização de performances desportivas, geradora de um capital específico, o capital desportivo, e que a estruturação destes valores, decorre das relações que se estabelecem ao nível dos valores presentes nos diferentes espaços sociais onde os atletas se inserem, em especial, a *Família*, socialmente estratificada, a *Escola*, os *Amigos*, e o *Clube* desportivo, tendo presente as sociabilidades aí dinamizadas. Partimos do pressuposto que os envolvimento nas carreiras desportivas advêm de interesses decorrentes de sistemas valorativos diferenciados, e que os investimentos produzidos no capital desportivo de cada indivíduo traduzem a sua lógica de envolvimento, ao mesmo tempo que decorrem dos valores dominantes nos espaços sociais onde os atletas se movem, das suas condições de classe, e ainda das expectativas percebidas pelos atletas por parte dos “outros”, e a importância dada às mesmas. A presença predominante de outros desportistas nas redes de sociabilidade onde se inserem os atletas, quer se trate de amigos da escola, do clube ou do local de residência, assim como a presença das diferentes origens sociais nas diferentes práticas e modalidades, sugere-nos que o desporto constitui um interesse partilhado potenciador de relações sociais. Nesta medida, será através dos valores hegemónicos em cada uma das modalidades, que a identificação e a afirmação melhor se expressarão. Este facto deve-se às características da modalidade, em especial na sua identificação com classes sociais de maior volume de capital, e que, no espaço dos diferentes desportos, encontrar-se-ão valores dominantes tendentes à mobilidade social através das carreiras desportivas. Podemos concluir que os envolvimento em práticas desportivas, inseridas em quadros de competição, decorrem de valores socioculturais, assim como recebem a influência dos espaços sociais onde os atletas se inserem (Marivoet, 2002).

Ao longo dos últimos anos tem vindo a defender-se que o desporto proporciona um meio favorável ao desenvolvimento social, de características positivas e de carácter.

Pociello (1981) desenvolve uma abordagem sociocultural das práticas desportivas que se concretizaria na construção das representações sociais do desporto, direcciona sua análise para as necessidades e prazeres individuais, vendo-os como "mecanismos distintivos (...) que convidam a situar os desportos num sistema de práticas constitutivas dos estilos de vida" (p. 13).

Segundo Horn (2002), as crianças e jovens que praticaram desporto têm uma maior capacidade para descobrir as suas orientações profissionais do que aqueles que nunca estiveram envolvidos no desporto. O nível de actividade física levado a cabo pelas crianças e adolescentes, está fortemente influenciado por diversos tipos de factores, que podem ser: biológico, psicológico, social, cultural, comportamental e ambiental. Dentro dos factores sociais e culturais são destacados, na sua relação de forma indirecta, a influência do estatuto sócio-económico, do professor/treinador e da família, que à medida que as crianças crescem vai sendo substituída pelos pares (Delgado & Tercedor, 2002).

Bourdieu (1994) considera que o elemento determinante do sistema desportivo é o sistema de preferências de cada grupo social, que é estabelecido pela relação entre o espaço das práticas desportivas existentes e o espaço das posições sociais e das escolhas dos praticantes. Desta forma, e segundo o autor atrás citado, o desporto poderá constituir um *efeito de apropriação* no significado que cada um lhe atribui e da forma como o interpretam.

O desporto ou a prática desportiva é, de facto, um fenómeno cultural alvo de diversas transformações. Esta concepção sofre mudanças imediatas, na medida em que a sociedade progride no redimensionamento dos seus princípios e dos seus valores (Puga, 2002). A prática desportiva deve ter, na sua génese e desenvolvimento, todo um conjunto de princípios e valores que assegurem o sentido cultural e formativo, que se promovem através do seu ensino e prática em todas as instituições socializadoras desportivas, independentemente do rendimento ou sucesso desportivo (Gonçalves 2003; Constantino 1998).

Valores sociais

Os valores sociais são necessários na organização dos sistemas de crenças dos indivíduos (Rokeach, 1979). Eles servem como padrões ou critérios que orientam acções, escolhas, juízos, atitudes e explicações sociais, estão entre as crenças avaliativas mais importantes (Seligman & Katz, 1996), e ocupam uma posição central na rede cognitiva que

fundamenta a organização das pessoas em sociedades (Rokeach, 1968). Além disso, são amplamente compartilhados pelos grupos sociais e sua validade raramente é questionada (Maio, Olson, Allen & Bernard, 2001). No entanto, o conjunto de estudos sobre os valores é assinalado por contradições geradas pelas várias abordagens teóricas que orientam as pesquisas (Torres et al., 2001). Existem várias teorias sobre os valores, entre as quais destacam-se a tipologia dos valores proposta por Rokeach (1973), a teoria dos tipos motivacionais (Schwartz, 1992) e a teoria dos valores materialistas e pós-materialistas (Inglehart, 1977).

Para Menezes (1998), os valores podem ser definidos como princípios orientadores da vida que têm uma relativa centralidade na estrutura da personalidade e que, de certa forma, actuam como mediadores da acção.

Nas últimas décadas, têm surgido várias investigações com o propósito de analisar os vários aspectos do jogo limpo (fair-play), tal como as atitudes dos participantes nos desportos juvenis, os valores transmitidos através da actividade física e desporto, a aceitação e violação dos regulamentos e a aplicação de programas que promovam o desenvolvimento moral e social através da actividade física e desportiva (Lee, 1990).

Segundo Gutiérrez (2003), em todo o processo educativo deve-se ter em conta todo um conjunto de influências ambientais que podem prejudicar ou favorecer a formação integral dos jovens. Influências essas que podem derivar do ambiente familiar, de grupo, políticas educativas, níveis de organização desportiva, consumismo, opinião pública e meios de comunicação.

Tem sido referido por diversos autores o facto de alguns programas de iniciação desportiva serem um decalque dos modelos desportivos profissionais, contribuindo para o surgir de condutas anti-desportivas, criando, assim, um efeito negativo para o desenvolvimento moral e social.

Várias têm sido as opiniões sobre a possível influência da prática desportiva sobre o desenrolar moral e social dos mais jovens. Alguns autores crêem que o desporto forma o carácter, enquanto outros crêem que este serve para manifestar o sistema de valores que cada indivíduo adquiriu. No mesmo seguimento, Rokeach (1979) entende que os valores são adquiridos através de processos de sociabilização e transmissão entre os seres humanos.

Escámez (1989) revela, ainda, a importância que o contexto assume numa interacção dinâmica com a realidade física e sociocultural sobre o sujeito, provocando nele determinadas condutas e modificações de valores pessoais que o caracterizam. Neste seguimento, Gutiérrez (2003) refere que, mesmo nas idades mais baixas dos jovens, o contexto é percebido a partir de estruturas perceptivas que as circunstâncias físicas, históricas e sociais geram, podendo este ambiente ser dividido em três grandes contextos (sociocultural, familiar e escolar/desportivo) configuradores dos valores e atitudes dos jovens. Ressaltando que nestes três contextos pode estar presente, numa maior ou menor medida, a actividade física e o desporto, para que os jovens percebam os valores do desporto como parte integrante do ambiente, confirmando, assim, os próprios valores na interacção existente.

Rokeach (1979) diferencia três componentes nos valores (cognitivo, afectivo e conductual), classificando-os em valores instrumentais (seguir as regras do jogo) e finais (desejo de ganhar), podendo estes entrar em conflito com a própria competência e os valores morais. O valor desejável pode estar referido a um modo de conduta ou a um estado final de existência.

Tendo a sociedade um papel importante e interveniente na formação do carácter e da personalidade, pode-se referir que o desenvolvimento moral do indivíduo não se limita a interiorizar regras sociais, mas sim a criar novas estruturas a partir da sua interacção com o meio. Desta forma, a moralidade não resulta de processos inconscientes ou de uma aprendizagem social, visto que o exercício do juízo final é um processo cognitivo que em situação de conflito permite reflectir sobre valores e ordená-los (Garcia, Pérez & Martinez, 1991).

As diferentes maneiras de abordar e analisar o desenvolvimento de valores sociais e pessoais do indivíduo, e a relação com a actividade física e o desporto, são-nos apresentadas pelas teorias construtivistas de Piaget, os planeamentos estruturais de Kohlberg e as teorias de aprendizagem social de Bandura. Segundo Gonçalves (2007), Bandura evolui da teoria de aprendizagem social para a teoria social cognitiva, atribuindo maior peso aos factores cognitivos na mediação para os comportamentos, sem suprimir os processos sociais de aprendizagem, condicionamento, modelagem e reforço (Shields, Bredmeir & Powell, 2002).

Não obstante, à literatura existente, que refere a participação no desporto como facilitadora na interiorização de valores sociais, Best (1985), em seus estudos e análises entre

desportistas e não desportistas, concluiu que o ambiente desportivo não terá um papel único e indiscutível na formação de valores sociais, visto terem ambos os mesmos valores. Já Davis e Baskett, (1979) partem da suposição que os que praticam desporto teriam uma prioridade de valores diferentes dos que não praticam, devido ao ambiente em que cada um se desenvolve e aos valores que são mais repetidos continuamente.

Segundo Sage (1986), o desporto possibilita o desenvolvimento moral e social através da aquisição de competências sociais por meio de experiências concretas. Dubois (1986) refere que os valores que se manifestam nos jovens, através dos comportamentos desportivos, podem ser diferentes aos que correspondem aos adultos. Confirmou-se, em diversas ocasiões, que os jovens põem maior ênfase na diversão, no desenvolvimento das técnicas, na pertença a uma equipa, à forma física e ao jogo limpo do que ao triunfo como objectivo primordial. Desta forma podem ser encontradas evidências que a participação desportiva influencia o desenvolvimento de valores

Atitudes face à prática desportiva

Segundo Gonçalves (2007), a partir da década de 80 do século XX, tem havido uma preocupação em medir e avaliar os valores e atitudes dos jovens face ao desporto. A prática do desporto juvenil organizado, seja federado ou escolar, tem vindo a crescer e a ser incentivado devido às suas virtudes formativas e, ao mesmo tempo, fomentado o interesse em analisar o desenvolvimento dos valores através das experiências desportivas. Alguns investigadores argumentam que os aspectos desportivos, como a competitividade e triunfo, entram em conflito com os objectivos sociais mais desejáveis, tais como o jogo limpo e o desportivismo (Martens 1976; Simon 1996).

Segundo Biddle e Mutrie (2001), o tema das atitudes acolhe um grande interesse por parte dos investigadores, uma vez que a sua validade preditiva no domínio da actividade física, tem sido consistentemente demonstrado em diferentes estudos com diversas populações (e.g. jovens e adultos). De acordo com vários autores (Doganis & Theodorakis, 1995; Biddle & Mutrie, 2001; Dosil, 2004), o conceito de atitude inclui a intenção comportamental do sujeito face a um determinado objecto (i.e. situação ou pessoa), que se baseia nas suas crenças, sentimentos e na forma como o indivíduo se quer comportar face a esse objecto. Desta forma, sabendo que o conceito de atitude envolve a componente cognitiva, afectiva e comportamental, podemos afirmar que a conduta do sujeito é determinada pela sua

atitude face à actividade física (e.g. positiva ou negativa, favorável ou desfavorável, agradável ou desagradável). No entanto, também sabemos que as atitudes podem ser influenciadas, quer pelas características individuais dos sujeitos, quer pelas características do contexto envolvente.

Webb (1969), na análise das atitudes dos jovens face ao jogo, concluiu que a participação estava mais relacionada com a habilidade e o desejo de ganhar do que com o jogo limpo. Neste seguimento, Lee (1990) faz referência às normas de conduta sociais e desportivas nos programas desportivos juvenis, à qual se dá uma crescente valorização do triunfo em prol do desfrute pessoal e do jogo limpo.

Segundo Martens (1976), apesar do conceito de participação de todos no desporto ser amplamente aceite, não deixa de haver conflitos na prática quando se segue uma orientação para o triunfo e habilidade, estando claramente demonstrado que as pressões que estes jovens sofrem estão intimamente relacionadas com os desajustes psicológicos, tal como as atitudes contrárias à formação do carácter moral.

No desporto, as condutas sociais desejadas são consideradas representativas de um bom carácter, desportivismo e jogo limpo. Estes tópicos são bastante difíceis de medir, o qual supõe que os argumentos acerca do comportamento correcto e incorrecto constituem juízos pessoais baseados em valores associados com a participação e competição desportiva.

Gonçalves, Silva, Chatzisarantis, Lee e Cruz (2006) referem a importância da influência das variáveis ecológicas num contexto desportivo. Ou seja, existe uma tendência para o conformismo das regras não escritas do jogo e do espírito de equipa, que podem fazer com que os jovens atletas tenham comportamentos e atitudes eticamente reprováveis ou agressivos face ao adversário, tidos como aceitáveis em treino ou em competição.

Segundo Dubois (1986), as crianças em ligas educacionais dão mais ênfase à participação e ao desportivismo do que ao ganhar, enquanto os que participam em ligas federadas/competitivas, dão maior valor à competição, ao ganhar e a melhorar o estatuto social acima do facto de jogar.

Silva (1983) refere nos seus estudos: - que os jovens do género masculino aceitam mais facilmente determinados comportamentos ilegais como legítimos da prática desportiva, numa busca incessante da obtenção da vitória, agindo desta forma contra as regras estipuladas pela modalidade desportiva; - que os praticantes desportivos, em relação aos não praticantes,

aceitam mais facilmente a utilização de meios ilegais para alcançar a vitória como objectivo perseguido; - por último, a revelação de atitudes menos positivas na afirmação do espírito desportivo, por parte dos praticantes desportivos, acentua-se com os anos de experiência competitiva e o nível de competição que está integrado.

Weinberg e Gould (2003) referem que os elementos do género masculino, estão mais predispostos a terem comportamentos agressivos nas competições que disputam, quando comparados com o género feminino.

Segundo Bandura (2008), a crença de auto-eficácia são as percepções que os indivíduos têm sobre as suas próprias capacidades. Neste seguimento, é referido que as crianças, com idades compreendidas entre 5 e 8 anos, são optimistas e percebem-se competentes a nível motor porque consideram que o esforço é a chave para realizar as tarefas com êxito. Sendo que as mesmas, a partir aproximadamente dos 9 anos de idade, começam a comparar as suas habilidades com as dos outros, desenvolvendo, no início da adolescência, níveis de percepção de competência desportiva (Roberts, 2001).

Nixon (1980) refere que a vitória ou derrota parece influenciar claramente as condutas dos praticantes desportivos, representado no facto de, com assinalável assiduidade, os “vencidos” criticarem, exuberantemente e por variadas formas, o árbitro, os adversários, o seu treinador e, por último, os próprios colegas.

Ética e fair-play no desporto

A ética associada ao desporto adquire um novo termo Espírito Desportivo - Fair Play. Os “fairs” eram os mercados da Idade Média onde se cultivava a honestidade, lealdade, cavalheirismo, justiça e seriedade. Este conceito, que está associado ao espírito desportivo, foi agregado no desporto, no final do século XIX, através de Pierre de Coubertin “O esforço é a alegria suprema; o sucesso não é um objectivo, mas apenas um meio de visar mais alto” (Cid, 2002).

O conceito de *fair play* sintetiza a constelação de valores que o desportista deve interiorizar, seja qual for o seu nível de prática. Em sentido lato, o desportista assumiria a sua condição, tanto em treino e competição, como na sua vida privada e pública. O desporto funcionaria como exemplo socialmente positivo (Gonçalves, Freitas, Cardoso, Lourenço & Silva, 2005).

A Ética e Fair-Play aparecem no desporto como uma organização moral, que procura interpretar os limites comportamentais nos desportistas, de forma a assegurar um sistema desportivo civilizado. Desta forma, o espírito desportivo assume um papel importante no desenvolvimento global das crianças e jovens, através da participação em actividades desportivas.

Segundo Serpa, in Serpa et al., (2006), Fair-Play, ou desportivismo, assenta no respeito pelo esforço e condição humana do adversário, indispensável à prática da actividade social que é o desporto. Lamentavelmente, é cada vez mais comum que o desejo de vencer a todo o custo, se torne uma norma que coloca em segundo plano o espírito desportivo, e é responsável por comportamentos anti-sociais, como a agressividade e a violência. Por vezes, os treinadores contribuem para os comportamentos agressivos no desporto, ao transmitirem aos atletas o desrespeito pelo adversário e a ideia de que a agressividade é necessária ao sucesso, confundido a assertividade com agressividade. Desta forma, na lógica da modelação pelo exemplo, o treinador deve constituir-se como um modelo comportamental, padrão eticamente correcto, intervindo na formação dos praticantes. Do ponto de vista relacional, o processo desportivo infanto-juvenil, os pais e os treinadores constituem, para os atletas, as pessoas que mais significativamente mais influenciam em todas as fases da carreira desportiva (ibidem).

A ética do desporto moderno assenta em valores nobres e desinteressados, impondo ao espaço desportivo uma configuração de ideal tipo fora da realidade e influências nefastas expressas na sociedade.

“Os ideais éticos do desenvolvimento do desporto de competição, assentes numa confrontação na base da cooperação, do fair-play, da lealdade de uns para com os outros, onde a ênfase no peso da vitória dá lugar à valorização do prazer da participação e da performance desportiva, não parece ser uma utopia para os níveis de competição mais baixos e sobretudo para os escalões etários mais jovens.” (Marivoet, 2002).

A prática desportiva por parte dos jovens realiza-se nas mais variadas formas e assume uma função social objectiva no plano formativo como educativo. A adequação dos princípios educativos e morais à prática desportiva, deve resultar numa relação positiva entre todos os intervenientes, com base numa mudança de todos os aspectos negativos, geradores de atitudes

e comportamentos opostos às finalidades de um desporto são e salutar. Desta forma, a questão da ética e do fair-play no desporto não pode deixar de ser um imperativo (Cruz, 2002).

Segundo o Código da Ética no Desporto do Conselho da Europa, o “Fair play no desporto” é uma declaração de intenção que parte do princípio que as considerações éticas, que estão na origem do fair Play, não são um elemento facultativo, mas algo essencial a toda a actividade desportiva, toda a política e toda a gestão no domínio do desporto e que se aplicam a todos os níveis de competência e de envolvimento da actividade desportiva, e tanto nas actividades recreativas como no desporto de competição.

O fair play significa muito mais do que o simples respeitar das regras; mas cobre as noções de amizade, de respeito pelo outro, e de espírito desportivo, um modo de pensar, e não simplesmente um comportamento. O conceito abrange a problemática da luta contra a batota, a arte de usar a astúcia dentro do respeito das regras, o doping, a violência (tanto física como verbal), a desigualdade de oportunidades, a comercialização excessiva e a corrupção. O Código está essencialmente centrado no fair play nas crianças e nos adolescentes, que serão os praticantes e vedetas do desporto de amanhã. No entanto, o Código dirige-se às instituições e aos adultos que têm uma influência, directa ou indirecta, sobre o envolvimento e a participação dos jovens no desporto. O Código engloba a noção do direito das crianças e dos adolescentes de praticar um desporto e dele tirar satisfação, e a noção da responsabilidade das instituições e dos adultos como promotores do fair play e garantes do respeito destes direitos.

Segundo Adelino, in Serpa et al., (2006), o espírito desportivo só terá uma expressão verdadeira, gerando a luta entre o que é correcto e desajustado no interior de cada interveniente, quando a maior punição que resulta de uma infracção surgir no íntimo do próprio prevaricador, ou seja, quando existir contradição entre a sua prática e aquilo em que ele acredita e foi construindo como referência. A existência de uma prática desportiva, feita segundo as normas estabelecidas pelo espírito desportivo, proporciona a construção de atitudes correctas e a defesa dos princípios mais adequados numa aplicação de longo prazo. “Após 3 anos de esforço continuado, dando a conhecer a toda a população os valores primitivos do espírito do desportivo, começa a constatar-se uma mudança de comportamento em muitos praticantes e espectadores” (ibidem).

O Espírito Desportivo - Fair Play, compreende todo um processo directamente dependente do contexto social, das acções responsáveis dos dirigentes da sociedade e do desporto, como também um componente estreitamente relacionado com o contexto

educacional, no qual a educação moral, educação desportiva e Espírito Desportivo – Fair Play podem ser incorporados por crianças e jovens, como comportamentos importantes no exercício da cidadania plena numa sociedade democrática (Santos, 2002).

Vários autores consideram ser redutor abordar o tema Fair-Play apenas do ponto de vista teórico, sem que eles sejam vivenciados e observados pelos jovens. A ideia de que a simples preocupação em abordar com os jovens as questões dos valores éticos, comportamentos e atitudes, será hipócrita, se professores e treinadores falharem em lidar com as questões éticas e morais nos locais onde exercem a sua actividade, aulas e treinos (Gonçalves, 2006).

Para Gibbons, Ebbeck e Weiss (1995), a definição de Fair- Play está sempre associada aos seguintes comportamentos: respeito pelas regras, pelo árbitros e suas decisões, respeito pelos outros, promover a igualdade de oportunidades e manter o auto-controlo em todas as situações.

O Comité Internacional para o Fair Play faz referência ao espírito desportivo, não se reportando apenas dizendo no desporto, mas o próprio princípio de toda a coexistência e de toda a cooperação entre os Homens. Todo o Homem deveria ter a possibilidade de fazer desporto no quadro do espírito desportivo. Todas as pessoas, seja qual for a sua raça, origem, sexo, idade e capacidades – do profissional ao diminuído físico – deveriam poder praticar desporto segundo as suas necessidades, cultura e capacidades físicas.

Segundo Gonçalves (1990), não é a prática desportiva competitiva que provoca efeitos sobre o espírito desportivo, mas sim a presença de diferentes estímulos sociais que desempenham um papel determinante. Desta forma, os agentes de sociabilização, em especial os educadores (pais, professores e treinadores), devem contribuir decisivamente na criação efectiva de experiências de aprendizagem favoráveis ao processo de desenvolvimento dos jovens praticantes.

Os valores da ética desportiva, como componente particular da ética por que se deve pautar o relacionamento humano, deverão fazer parte das preocupações dos adultos que dirigem e orientam a prática desportiva juvenil, condicionando, por esta via, a qualidade da experiência vivida pelos jovens praticantes e, com ela, a dimensão dos efeitos e a profundidade das marcas deixadas em cada um deles (Adelino, 1998).

Num estudo feito pela Câmara Municipal de Oeiras em jovens dos ensinos preparatório e secundário, sobre o conhecimento que os jovens possuíam acerca do conceito do espírito desportivo e das intenções de comportamento adoptado em situações de prática desportiva competitiva, foi demonstrado que: - os alunos possuíam uma ideia geral correcta sobre os “valores éticos” do desporto, - os não praticantes parecem identificar com mais frequência os comportamentos específicos do espírito desportivo e uma maior intenção de os assumir, - o tipo de desporto praticado não constitui um factor de influência sobre o conhecimento do conceito de espírito desportivo (Gonçalves, 1990).

Desenvolvimento moral

O desenvolvimento moral refere-se às regulações das relações inter-pessoais e passa por critérios que permitem julgar uma atitude num acto bom ou mau. Kohlberg (1976) considera seis estádios no desenvolvimento moral, divididos em três níveis que evoluem a partir de uma moral pré convencional para uma convencional e pós convencional. Esta última é onde o indivíduo tenta definir valores morais pessoais independentemente da autoridade subjacente exterior. Kohlberg (1976) chegou à conclusão de que o desenvolvimento moral ocorre de acordo com uma sequência específica de estádios, independentemente da cultura, do meio social, do continente ou país a que o indivíduo pertença.

O autor reforça a ideia de que o desenvolvimento moral do jovem não se limita a interiorizar as regras sociais, sem que antes construa novas estruturas a partir da sua interacção com o meio. Segundo Bandura (1980), o desenvolvimento moral relaciona-se com a história pessoal de reforços recebidos ou observados.

O desenvolvimento moral é abordado e analisado na área da psicologia do desporto, surgindo algumas definições de carácter relevante. Segundo Weinberg e Gould (2003), desenvolvimento moral é basicamente o mesmo que desenvolvimento do carácter, mas sem as conotações religiosas, sendo assim o conceito mais lato. Segundo os mesmos autores, entende-se por consciência moral uma série de princípios éticos que sublinham actos de desportivismo em situações específicas.

De acordo com estes dois conceitos, podemos dizer que o desenvolvimento moral é o processo de experimentação e de crescimento através do qual um indivíduo desenvolve a consciência moral.

Na perspectiva da aprendizagem social, o comportamento moral é um comportamento como os outros, influenciado por forças activadas em função de condições internas e externas. Este comportamento explica-se, então, quer por mecanismos de condicionamento, seja ele pressupostamente pavloviano ou instrumental, seja por imitação de modelos na perspectiva neo-behaviorista de Bandura (1980). O processo de aprendizagem por observação é apresentado por Bandura (1991) como a alternativa à teoria dos estádios. Nesta perspectiva, a evolução moral está menos ligada à idade e ao desenvolvimento cognitivo do que à exposição do sujeito a modelos adequados.

Na teoria da aprendizagem social, Bandura (1991) defende que a aprendizagem é efectuada através da observação dos outros e assenta em dois pilares fundamentais, que são a interacção recíproca entre factores internos, factores externos e o comportamento do sujeito, não havendo, ao contrário de outras teorias, a separação destes três factores, e um segundo pilar onde emerge uma distinção entre a aprendizagem e o comportamento.

A observação a que Bandura (1991) se refere baseia-se em quatro elementos preponderantes, e que são: a atenção onde há uma selecção daquilo a que se presta atenção, a retenção onde se armazena a informação observada, a reprodução onde se transfere a informação observada para acções correspondentes e a motivação e os interesses, essenciais à execução de um determinado comportamento.

O desenvolvimento do raciocínio moral permite ao indivíduo, etapa por etapa, compreender a moral e situar-se em relação às regras, em relação ao bem e ao mal. Piaget (1932) identifica dois tipos de moral, a moral heterónoma, característica das crianças mais jovens, que se baseia numa concepção de socialização como interiorização das regras de conduta e dos modelos do comportamento, e a moral autónoma, característica das crianças mais velhas, que se baseia numa concepção mais interaccionista da socialização, podendo criar regras e escolher os seus valores.

Para Piaget existe um paralelismo entre o desenvolvimento intelectual e a evolução moral, aparecendo a moral como uma lógica dos valores ou das acções entre indivíduos. (Piaget 1964, p. 72).

Segundo Bideaud (1980), Kohlberg «adopta as hipóteses piagetianas: a interiorização das regras morais é consequência de uma série de transformações das atitudes e das concepções primitivas; estas transformações caminham a par do desenvolvimento cognitivo, na percepção e hierarquização de um universo social com o qual este desenvolvimento está

em contínua interacção. «No adolescente, as tentativas de estabelecer um sentimento de identidade pessoal caracterizam-se pela elaboração de um código moral. Este código moral é um conjunto de princípios que serve para guiar as acções individuais e para julgar o seu próprio comportamento e o dos outros» (ibidem).

Segundo Bideaud (1980), o modelo interno que resulta da moralização é produto da construção activa do sujeito no seio da interacção social, através dos processos de descentração. Existiria, portanto, uma correspondência relativa entre desenvolvimento moral e desenvolvimento cognitivo, o que conduz à determinação das etapas na evolução do juízo moral.

Vários têm sido os estudos para identificar as consequências da participação do desporto no desenvolvimento integral das crianças e jovens. Segundo Matos (1997), baseado em vários estudos, a competição serve para reduzir as tendências comportamentais pró-sociais e aumentar as tendências anti-sociais, tendo um efeito crescente com as derrotas e com a diminuição de competências. No mesmo seguimento, menciona que os atletas eram menos «desportistas» do que os seus colegas não atletas e que o desenvolvimento de valores diminui à medida que a idade e a experiência desportiva aumentam.

Quando se avaliam factores como o carácter ou desportivismo, deve-se considerar, numa perspectiva do raciocínio moral, o que os jovens enfrentam em situações de dilema moral relacionado com o desporto. Neste sentido, Bredmeier (1994) analisou as atitudes face ao jogo e os comportamentos agressivos no desporto, assim como a influência dos treinadores nas decisões morais dos jovens jogadores, e concluiu que tanto os que praticam como os que não praticam desporto, têm níveis mais baixos de raciocínio moral quando tomam decisões no desporto, do que em acontecimentos na vida diária.

Segundo vários autores (Bredemeier, Weiss, Shields & Cooper, 1986), é referido que na participação de crianças e jovens em desportos caracterizados por um elevado grau de contacto físico, estas apresentam um juízo moral menos maduro e maiores tendências agressivas, quer no desporto quer na vida social.

Delinquência juvenil ou condutas anti-sociais

A delinquência juvenil tem-se tornado um problema muito grave e com consequências preocupantes na sociedade portuguesa nos últimos anos. A noção de delinquência é essencialmente jurídica, remetendo para a lei e sua transgressão, mas também pode confundir-

se com a definição de comportamento anti-social, sendo este, como refere Negreiros (2001) um termo mais abrangente. Segundo Born (2005), a delinquência engloba o conjunto das condutas anti-sociais que exprimem a inadaptação de um indivíduo à sociedade.

Ao longo da história, a delinquência juvenil tem sido quase sempre sinónimo de adolescência, e visto, pelos adultos do senso comum, como um indício de delinquência qualquer acto realizado por um adolescente (excepto talvez a obediência servil). Na abordagem ao conceito de delinquência juvenil é necessário ter atenção à sua definição, visto esta poder ser conotada com o rótulo e de poder estar implícito em larga medida a classe social e económica do adolescente (Born, 2005).

Nos últimos anos tem-se demonstrado, através de diversos estudos, que a delinquência juvenil é um comportamento que apresenta formas de expressão muito diversas, com trajectórias de evolução igualmente distintas, que se baseiam numa análise de parâmetros tais como a frequência, gravidade, idade de início e tipo de ofensas praticadas pelo indivíduo (Negreiros 1999, 2001).

Segundo Matos (2005), a delinquência juvenil pode ser abordada através de vários modelos teóricos para uma melhor compreensão. Este autor sublinha a eficácia de intervenções com base na abordagem cognitivo-comportamental. O modelo sócio-cognitivo na teoria da aprendizagem social (Bandura, 1986) poderá esclarecer, de certa forma, os comportamentos anti-sociais ou desviantes, através dos processos de imitação de modelos positivos ou negativos e as contingências de reforço do meio.

Alguns autores referem a influência de diversos factores no comportamento dos jovens delinquentes. Estes podem ter origem em factores genéticos ou biológicos, sociais, familiares e individuais (Farrington, 2001).

Segundo Matos, Negreiros, Simões e Gaspar, (2009), são vários os estudos que documentam o impacto de factores ligados ao comportamento anti-social das crianças e jovens. A família apresenta uma forte influência como um factor de risco nas suas características disfuncionais e variáveis sócio-demográficas. A nível individual ou pessoal o grau de conhecimento social ou o insucesso escolar e a rejeição pelos pares pró-sociais podem revelar consequências indesejáveis de actos ou condutas, facilitando a associação com outros pares, onde o comportamento anti-social é rapidamente reforçado.

Palmer e Hollin (1996) realizaram um estudo com jovens transgressores e verificaram que o nível de competência social é um forte preditor de comportamentos anti-sociais. Quanto maior é a competência social maior é a moralidade e o controlo interno. Para perceber o comportamento delinvente na adolescência, torna-se necessário compreender todo um percurso desde a infância nas relações existentes nos principais contextos: a família, os pares, a escola e a comunidade (Matos, Negreiros, Simões & Gaspar, 2009).

CAPITULO 3

METODOLOGIA

Amostra

A amostra é constituída por 53 jovens educandos de dois Centros Educativos (um com medida de internamento em regime fechado e o outro em regime semiaberto) directamente dependentes do Instituto de Reinserção Social afectos à Delegação Regional de Lisboa, com idades compreendidas entre os 14 e os 18 anos de idade.

tela 1. Proveniência dos jovens educandos

Delegação Regional de Lisboa				
Centro educativo	Regime	Localização	Sexo	Nº
C. E. da Bela Vista	Semiaberto	Lisboa	Masc.	30
C. E. Padre A. Oliveira	Fechado	Caxias	Masc.	23

Instrumentos

As atitudes face ao desporto foram avaliadas com recurso ao *Sports Attitudes Questionnaire* (Questionário de atitudes face ao desporto) de Lee e Whitehead (1999). O instrumento é composto por 23 itens que pretendem identificar a opinião dos respondentes sobre o modo como praticam o seu desporto principal. Os 23 itens do questionário resultam numa proposta de modelo de quatro factores, sendo dois considerados socialmente positivos (*Empenhamento* e *Convenção*) e dois socialmente negativos (*Batota* e *Anti-desportivismo*). Utiliza-se para a resposta a cada item, uma das 5 alternativas intrínsecas a uma escala de tipo Likert, em que (1) discordo totalmente, (2) discordo, (3) não tenho a certeza, (4) concordo, (5) concordo totalmente.

Gonçalves, Coelho e Silva, Chatzisarantis, Lee e Cruz (2006), procederam à tradução do *Sports Attitudes Questionnaire* (SAQ), confirmando que a versão portuguesa do questionário de atitudes face ao desporto (SAQp) parece apta a ser utilizada em futuras pesquisas. O questionário foi aprovado pela Comissão Nacional de Protecção de Dados.

Este questionário de atitudes face ao desporto (SAQp) foi adaptado neste estudo, para que todos os jovens inseridos na amostra, mesmo os actuais não praticantes, ou que nunca tivessem praticado desporto, pudessem responder ao mesmo.

Procedimentos

Quanto aos procedimentos, antes da entrega dos questionários foi elaborado um requerimento endereçado à Directora Geral do Instituto de Reinserção Social, com um breve resumo do projecto e a autorização do Coordenador do Mestrado. Após aprovação, procedeu-se ao contacto com os coordenadores dos dois Centros Educativos para posterior entrega dos questionários. Os questionários foram entregues aos coordenadores e foi feita uma breve explicação das normas para sua execução e aplicação. A aplicação dos questionários foi feita no mesmo dia nos dois centros educativos e recolhido passado uma semana após ter sido entregue.

Tratamento de Dados

No tratamento dos resultados obtidos empregou-se um modelo estatístico, utilizando para isso, um programa de cálculo específico para a investigação em Ciências Sociais e Humanas – “*SPSS for Windows – versão 11.5*” (*Statistical Package for the Social Sciences*), tendo primeiro codificado todas as respostas do referido instrumento. Em relação à metodologia utilizada procedeu-se a uma análise através da estatística descritiva, t-teste (teste paramétrico) e ANOVA. O t-teste vai permitir averiguar se há ou não diferenças estatisticamente significativas entre as amostras pertencentes aos centros educativos de reinserção com os não pertencentes, a ANOVA para testar os efeitos das variáveis idade e centros educativos de reinserção (em regime fechado ou semiaberto) sobre as dimensões do questionário de atitudes face ao desporto (SAQp). A estatística descritiva vai permitir analisar as frequências observadas nas várias dimensões do (SAQp), retratando a nossa amostra em estudo.

CAPITULO 4

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A estatística descritiva dos itens do Questionário de Atitudes no Desporto (SAQp), relativos à população de jovens inseridos em centros educativos está expressa na Tabela 2. Verifica-se que os itens com médias superiores (1, 4, 6, 11, 12, 15, 17, 21 e 22) estão agregados às dimensões socialmente positivas. Destacam-se os itens 6 “*Dou sempre o meu melhor*” (M= 4.62) e 11 “*Estou sempre a pensar em como posso melhorar*” (M=4.45) pertencentes à dimensão *empenho* com as médias mais elevadas.

Tabela 2. Estatística Descritiva dos Itens do (SAQp), relativos à população de jovens inseridos em centros educativos (n= 53).

	Média	d.p.
1. Vou a todos os treinos	4.30	1.049
2. Às vezes perco tempo a perturbar o adversário	2.62	1.333
3. Era capaz de fazer batota se isso me ajudasse a ganhar	2.62	1.417
4. Cumprimento os adversários depois de uma derrota	4.06	1.216
5. Se os outros fazem batota, penso que também o posso fazer	2.60	1.472
6. Dou sempre o meu melhor	4.62	.657
7. Como não é contra as regras pressionar psicologicamente os adversários, posso fazê-lo	2.92	1.398
8. Cumprimento o treinador adversário	3,83	1.051
9. Faço batota se ninguém der por isso	2.66	1.372
10. Por vezes tento enganar os meus adversários	2.74	1.332
11. Estou sempre a pensar em como posso melhorar	4.45	.695
12. Felicito os adversários por um bom jogo ou por um bom desempenho	4.00	.941
13. Por vezes é preciso fazer batota	2.79	1.291
14. Penso que posso perturbar os adversários desde que não viole as regras	3.28	1.306
15. Esforço-me sempre, mesmo que saiba que vou perder	4.32	.936
16. Não há problemas em fazer batota se ninguém notar	2.68	1.205
17. Seja qual for o resultado, cumprimento os meus adversários	4.23	.912
18. Se não quiser que alguém jogue bem, tento perturbá-lo um pouco	2.58	1.247
19. Por vezes faço batota para obter vantagem	2.60	1.230
20. É uma boa ideia irritar os meus adversários	2.57	1.337
21. Não desisto mesmo depois de ter cometido erros	4.25	.806
22. Depois de ganhar cumprimento os meus adversários	4.30	.868
23. Tento que os árbitros decidam a meu favor, mesmo que não seja verdade	2.83	1.369

Em relação aos itens com as médias mais baixas, evidenciam-se o 18 “*Se não quiser que alguém jogue bem, tento perturbá-lo um pouco*” (M= 2.58) e o 20 “*É uma boa ideia*

irritar os meus adversários” (M=2,57) pertencentes à dimensão anti-desportivismo. É ainda de distinguir o item 14 “*Penso que posso perturbar os adversários desde que não viole as regras*” (M=3,28), que com a sua média pode revelar-se como um factor de indecisão com as regras não escritas.

Na leitura dos valores acima referidos (Tabela 2), podemos observar que estes jovens, numa questão de intenções, encaram a prática desportiva sob um aspecto acrescido na sua realização, visto as médias dos itens mais elevadas estarem agregadas às dimensões socialmente positivas, em especial a dimensão “*empenho*” (itens 6 “*Dou sempre o meu melhor*” e 11 “*Estou sempre a pensar em como posso melhorar*”). Este facto pode ser relacionado com o desejo destes jovens em melhorar o seu nível de habilidades e de aquisição de competências sociais e desportivas, (Sage 1986, Palmer & Hollin 1996) favorecendo o seu desenvolvimento moral. Desta forma, segundo Serpa (2006), sendo o desporto uma actividade social em que os praticantes, caso vençam ou sofram derrota, devem ter o máximo de “*empenho*”, enquanto dever ético, de modo que as dificuldades criadas ao adversário permitam aos dois a passagem para níveis superiores de competência desportiva. Neste contexto, (Roberts, 2001) é referido que os jovens que se percebem competentes a nível motor, consideram que o esforço é a chave para realizar as tarefas com êxito, desenvolvendo, no início da adolescência, níveis de percepção de competência desportiva.

Relativamente aos dois itens com as médias mais baixas (itens 18 e 20), agregados à dimensão socialmente negativa “*anti-desportivismo*”, denota que estes jovens revelam não concordar com este tipos de comportamentos.

Em resumo, poderemos dizer que estes jovens, apesar do contexto em que estão inseridos (em centros educativos), conseguem distinguir o bem do mal, considerando o desporto como uma actividade motivante, em que se revelam as suas atitudes representativas do raciocínio e formação de carácter moral.

Análise factorial exploratória (Centros Educativos)

A extracção de factores foi precedida pelo teste de Bartlett, que mostrou a correspondência da técnica à solução inicial de 23 itens. A análise foi efectuada com recurso à rotação *varimax* e um nível de inserção de *factor loadings* ≥ 0.30 , apresentando um sistema de quatro dimensões. A solução final de quatro factores explica 64% da variância.

O primeiro factor (F1) pode ser analisado como *batota* e explica 27% da variância. Nele têm a carga superior a 0.30 os itens 3 (“era capaz de fazer batota se isso me ajudasse a ganhar”), 5 (“se os outros fazem batota, penso que também o posso fazer”), 9 (“faço batota se ninguém der por isso”), 13 (“por vezes é preciso fazer batota”).

O segundo factor (F2) pode ser interpretado como *convenção* e resulta da junção dos itens 4 (“cumprimento os adversários depois de uma derrota”), 12 (“felicitos os adversários por um bom jogo ou por um bom desempenho”), 17 (“seja qual for o resultado, cumprimento os meus adversários”), 22 (“depois de ganhar cumprimento os meus adversários”). Esta dimensão compreende 19% da variância.

O terceiro factor (F3) é designado por *empenho* e declara 10% da variância. Este factor compreende os itens 6 (“dou sempre o meu melhor”), 11 (“estou sempre a pensar em como posso melhorar”), 15 (“esforço-me sempre, mesmo que saiba que vou perder”), 21 (“não desisto mesmo depois de ter cometido erros”).

Por último o quarto factor (F4) pode ser considerado por *anti-desportivismo* e resulta dos itens 2 (“às vezes perco tempo a perturbar o adversário”), 19 (“por vezes faço batota para obter vantagem”), 20 (“é uma boa ideia irritar os meus adversários”), 23 (“tento que os árbitros decidam a meu favor, mesmo que não seja verdade”). Esta dimensão explica 8% da variância.

Tabela 3. Cargas factoriais e coeficientes de consistência interna prevendo quatro itens e cada uma das componentes (Centros Educativos, n= 53).

Factor	Itens		Carga	Alpha
Empenho	6	Dou sempre o meu melhor	.725	.74
	11	Estou sempre a pensar em como posso melhorar	.825	
	15	Esforço-me sempre, mesmo que saiba que vou perder	.652	
	21	Não desisto mesmo depois de ter cometido erros	.307	
Convenção	4	Cumprimento os adversários depois de uma derrota	.738	.73
	12	Felicitos os adversários por um bom jogo ou por um bom desempenho	.772	
	17	Seja qual for o resultado, cumprimento os meus adversários	.812	
Batota	22	Depois de ganhar cumprimento os meus adversários	.770	.74
	3	Era capaz de fazer batota se isso me ajudasse a ganhar	.747	
	5	Se os outros fazem batota, penso que também o posso fazer	.725	
	9	Faço batota se ninguém der por isso	.859	
Anti-desportivismo	13	Por vezes é preciso fazer batota	.875	.75
	2	Às vezes perco tempo a perturbar o adversário	.458	
	19	Por vezes faço batota para obter vantagem	.508	
	20	É uma boa ideia irritar os meus adversários	.436	
	23	Tento que os árbitros decidam a meu favor, mesmo que não seja verdade	.765	

Como se pode ver na tabela 3, os coeficientes de consistência interna (quadrado do coeficiente de correlação múltipla entre os itens da componente principal e os *scores* da

componente em que os itens são incluídos) são sempre superiores a .73, valor que pode ser considerado aceitável (Pedhazur, 1982).

Os resultados apresentados na Tabela 4 referem-se aos efeitos da idade sobre as quatro dimensões do SAQp, testados através do método ANOVA. Para tal dividiu-se a amostra em dois grupos, um com idades iguais ou inferiores a 16 anos e outro com mais de 16 anos de idade. Através da análise ANOVA não se verificaram diferenças significativas entre os dois grupos.

Tabela 4. Efeitos da idade sobre as dimensões do SAQp (Centros Educativos, n= 53).

Dimensões do SAQp	Sub 16 (n=17)		Mais 16 (n=36)		F	P
	Média	DP	Média	DP		
Empenho	4.46	.756	4.39	.529	.139	n.s.
Convenção	4.03	.914	4.20	.765	.515	n.s.
Batota	2.47	1.317	2.76	1.149	.685	n.s.
Anti-desportivismo	2.34	1.135	2.81	.815	2.931	n.s.

n.s. (não significativo). *($p \leq 0.05$). **($p \leq 0.01$).

Na observação da tabela 4, verificou-se não haver diferenças significativas entre as várias variáveis independentes nos dois grupos de idade, facto este que pode ser explicado pelo intervalo entre as idades ser curto (14 aos 18 anos de idade) e de ambos pertencerem a uma faixa etária que compreende a adolescência.

A análise ANOVA do efeito da pertença a um centro de reinserção sobre as dimensões extraídas do questionário de atitudes face à prática desportiva (Tabela 5) mostrou que os jovens pertencentes ao Centro Educativo Padre António Oliveira (Regime Fechado) valorizam mais o factor pro-social Anti-desportivismo ($F=5.909$, $p \leq .05$) do que os jovens pertencentes ao Centro Educativo da Belavista (Regime Semiaberto). Em relação aos outros factores que compõem as dimensões do SAQp, não se verificaram diferenças significativas. Desta forma, constata-se que as variáveis independentes não interferem com as dimensões positivas, apenas com uma dimensão negativa, o anti-desportivismo.

Tabela 5. Efeitos da pertença a um centro de reinserção (Em regime fechado ou semiaberto) sobre as dimensões do SAQp, (n= 53).

Dimensões do SAQp	C.E.Belavista (n=30)		C.E.P.A.Oliveira (n=23)		F	P
	Média	d.p.	Média	d.p.		
Empenho	4.27	.671	4.59	.462	3.641	n.s.
Convenção	4.04	.746	4.28	.886	1.153	n.s.
Batota	2.57	1.112	2.80	1.321	.505	n.s.
Anti-desportivismo	2.39	.835	3.00	.986	5.909	*

n.s. (não significativo). *($p \leq 0.05$). **($p \leq 0.01$).

Na análise da tabela 5, pode-se observar que os jovens pertencentes ao centro educativo em regime fechado (C.E.P.A. Oliveira) revelam, nas suas intenções, aceitar mais facilmente comportamentos de anti-desportivismo, do que aqueles que se encontram inseridos em regime semiaberto (C.E. Belavista). Não obstante, no que diz respeito às dimensões reportadas como socialmente positivas, não existem diferenças, sendo valorizadas de igual modo entre os dois grupos de jovens inseridos em centros educativos (em regime fechado e semiaberto).

A diferença verificada na maior facilidade dos jovens do centro educativo em regime fechado (aplicável aos casos mais graves) em aceitar comportamentos de anti-desportivismo pode ser justificado pelo facto de estes serem “*pretensamente mais desviantes*”, embora tenham como intenção adoptar comportamentos socialmente positivos. Nesta relação, estes jovens na sua infância foram, possivelmente, mais expostos numa perspectiva neo-behaviorista de Bandura (1991) a modelos e comportamentos inadequados. Outro factor justificativo da melhor aceitação desses comportamentos de anti-desportivismo poderá ser determinado pela maior consideração dos mesmos como legítimos da prática desportiva, numa busca incessante da obtenção da vitória (Silva 1983).

No que respeita à influência do estar em liberdade ou num centro educativo (recluso) sobre as respostas dos jovens aos itens do questionário de atitudes face ao desporto, não foram verificadas diferenças estatisticamente significativas, a não ser em dois itens (Tabela 6). Foram encontradas diferenças estatisticamente significativas nos itens 3 “*Era capaz de fazer batota se isso me ajudasse a ganhar*” ($t = 2.947$, $p = 0.05$) e 8 “*Cumprimento o treinador*”

adversário” ($t = -0.358$, $p = 0.05$). Sendo o item 3 mais elevado nos jovens em centros educativos (recluso) e o item 8 mais elevado no subgrupo de jovens em liberdade.

Através da análise da tabela 6, que compara uma amostra de jovens pertencentes a centros educativos com uma amostra de atletas das mesmas idades que não estão em reclusão, constata-se que o padrão de respostas aos itens do (SAQp) é o mesmo entre as duas amostras, diferindo apenas em dois itens, um socialmente negativo pertencente à dimensão “*Batota*”, item 3 “Era capaz de fazer batota se isso me ajudasse a ganhar” ($t=2.947$, $p\leq 0.05$) e o outro socialmente positivo pertencente à dimensão “*Convenção*”, item 8 “Cumprimento o treinador adversário” ($t=-0.358$, $p\leq 0.05$).

Tabela 6. Estatística Descritiva e t-teste para testar o efeito da liberdade sobre as respostas dos jovens aos itens do (SAQp), (Recluso $n = 53$, Livre $n = 60$).

	Recluso (n=53)		Livre (n=60)		T	P
	Média	d.p.	Média	d.p.		
1. Vou a todos os treinos	4.30	1.05	4.15	0.95	0.806	n.s.
2. Às vezes perco tempo a perturbar o adversário	2.62	1.33	2.20	1.30	1.705	n.s.
3. Era capaz de fazer batota se isso me ajudasse a ganhar	2.62	1.42	1.90	1.19	2.947	*
4. Cumprimento os adversários depois de uma derrota	4.06	1.22	4.17	1.12	-0.500	n.s.
5. Se os outros fazem batota, penso que também o posso fazer	2.60	1.47	1.98	1.36	2.329	n.s.
6. Dou sempre o meu melhor	4.62	0.66	4.40	0.81	1.595	n.s.
7. Como não é contra as regras pressionar psicologicamente os adversários, posso fazê-lo	2.92	1.40	2.37	1.40	2.113	n.s.
8. Cumprimento o treinador adversário	3.83	1.05	3.92	1.45	-0.358	*
9. Faço batota se ninguém der por isso	2.66	1.37	2.05	1.32	2.408	n.s.
10. Por vezes tento enganar os meus adversários	2.74	1.33	2.50	1.50	0.878	n.s.
11. Estou sempre a pensar em como posso melhorar	4.45	0.69	4.32	0.75	0.998	n.s.
12. Felicito os adversários por um bom jogo ou por um bom desempenho	4.00	0.94	4.13	1.13	-0.678	n.s.
13. Por vezes é preciso fazer batota	2.79	1.29	2.03	1.25	3.174	n.s.
14. Penso que posso perturbar os adversários desde que não viole as regras	3.28	1.31	2.75	1.41	2.076	n.s.
15. Esforço-me sempre, mesmo que saiba que vou perder	4.32	0.94	4.33	0.90	-0.073	n.s.
16. Não há problemas em fazer batota se ninguém notar	2.68	1.20	2.05	1.33	2.618	n.s.
17. Seja qual for o resultado, cumprimento os meus adversários	4.23	0.91	4.22	1.03	0.053	n.s.
18. Se não quiser que alguém jogue bem, tento perturbá-lo um pouco	2.58	1.25	2.20	1.37	1.551	n.s.
19. Por vezes faço batota para obter vantagem	2.60	1.23	1.97	1.29	2.679	n.s.
20. É uma boa ideia irritar os meus adversários	2.57	1.34	2.40	1.33	0.660	n.s.
21. Não desisto mesmo depois de ter cometido erros	4.25	0.81	4.38	0.76	-0.936	n.s.
22. Depois de ganhar cumprimento os meus adversários	4.30	0.87	4.53	0.93	-1.363	n.s.
23. Tento que os árbitros decidam a meu favor, mesmo que não seja verdade	2.83	1.37	2.43	1.50	1.462	n.s.

n.s. (não significativo). *($p\leq 0.05$). **($p\leq 0.01$).

Tendo em conta a limitação numérica da amostra, verificou-se na análise da estrutura factorial do SAQp, que é idêntico nas duas amostras, o que significa que o instrumento mantém a invariância nos diferentes contextos. Numa análise final, verifica-se que estes jovens inseridos em centros educativos apresentam resultados semelhantes comparativamente com a amostra de jovens em liberdade e que, apesar de “*pretensamente desviantes*”, encaram a prática desportiva como geradora de atitudes socialmente positivas, ainda que não sejam actuais praticantes.

No seguimento dos resultados apontados neste estudo, tendo em conta as diferentes realidades antes do processo de inclusão e depois da inclusão, seria importante referir alguns passos importantes para uma melhor integração e desenvolvimento pessoal destes jovens.

Ao nível escolar, importaria criar programas escolares mais atractivos, nomeadamente adaptando os programas curriculares à cultura local e específica destes jovens, procurando ir de encontro aos seus interesses culturais e desportivos.

No que diz respeito ao desporto numa vertente de reeducação dos jovens, poderá ser implementado de forma mais profunda e consistente, uma melhoria a nível de estruturas físicas e materiais, uma maior variedade de práticas desportivas de forma a poder ser mais atractivo e a criar maiores competências desportivas, e a realização de workshops desportivos com a participação pontual de exemplos desportivos bem sucedidos, tanto no campo social como moral, com o qual se possam identificar e ter como um exemplo a seguir no seu percurso de vida e na sua auto-realização individual.

Por último, devido ao facto de ter havido uma maior proliferação de piscinas municipais no nosso país e de ser do senso comum que a natação é um desporto muito completo, entendo ser de destacar o papel primordial da prática desportiva de natação na vertente educacional e desportiva, quer nas suas diversas actividades lúdicas, quer nas colectivas, como sendo um óptimo meio de integração e socialização dos jovens, devendo-se também à atractividade do meio que é a água. Realidade esta que tem sido constatada pela experiência profissional do investigador.

CAPITULO 5

CONCLUSÕES

Os comportamentos desviantes e a delinquência na comunidade jovem da sociedade portuguesa não são um fenómeno novo. No entanto, os mesmos têm tido recentemente uma maior visibilidade, devido à recente transformação das estruturas familiares de suporte destes jovens, dos espaços e dinâmicas sociais onde se desenvolvem. Perante esta tendência, o presente estudo pretendeu recolher elementos que permitam avaliar a forma como os jovens inseridos em centros educativos encaram o desporto, na sua prática enquanto potenciador de comportamentos e relações sócio desportivas.

Este estudo das atitudes face ao desporto, nesta população de jovens, prende-se pelo facto de o desporto poder assumir um papel importante na vertente educacional, porquanto é visto pelos jovens em geral como uma actividade aprazível e que lhes permite ocupar o tempo livre e, desta forma, poder evitar práticas desviantes.

Dos resultados obtidos ficou demonstrado que, apesar de estes jovens terem assumido comportamentos desviantes e atitudes que a lei penal qualifica como crime, encaram a prática desportiva como geradora de atitudes socialmente positivas, tal como os jovens da mesma idade que não estão em reclusão. Independentemente da envolvimento familiar e social em que os jovens desta faixa etária se desenvolveram, este estudo revela que a prática desportiva é encarada da mesma forma, ou seja, enquanto realização humana e desenvolvimento social, na medida em que ambos os grupos dão maior importância à participação desportiva do que à intenção de vitória a qualquer preço.

Segundo Gonçalves (2007), o desporto é um excelente meio ou factor promocional para a saúde, socialização, ocupação de tempos livres, formação de carácter, habilidades motoras e educativo. Neste contexto, e face aos resultados obtidos, justifica-se a necessidade de uma intervenção preventiva junto desta população, o mais precoce possível, afigurando-se a educação desportiva como uma excelente forma de fomentar e promover o desenvolvimento moral e a inclusão social, através da prática desportiva orientada, para mais tarde serem visíveis efeitos profundos e duradouros.

A introdução da educação desportiva deve ser feita o mais cedo possível e alargada a todos, através da implementação de programas e modelos adequados aos jovens, baseados em princípios morais e educativos que promovam a participação e o desportivismo em primeiro lugar, alterando, assim, a crescente valorização que se tem dado ao triunfo e quantificação de resultados nos programas desportivos juvenis, segundo referencia Lee (1990).

Nestes moldes supra referidos, a prática desportiva orientada irá permitir aos jovens que, durante o seu longo período de socialização, não estejam expostos a modelos desviantes, influenciados pelos agentes de socialização, e a situações de exclusão social e cultural. Funcionando como um exemplo socialmente positivo (Gonçalves, 2005), o desporto poderá promover a aquisição de valores que os jovens, posteriormente, podem assumir na sua vivência social e na sua esfera privada.

Estando consciente das limitações conclusivas existentes neste estudo, tendo em conta a parca metodologia utilizada e o universo observado, é, ainda assim, importante realçar que o mesmo permite sugerir estratégias de intervenção, evitando que estes jovens assumam comportamentos marginais e práticas desviantes, mas também de reeducação, quando os mesmos se encontram já inseridos em centros educativos.

Neste sentido, poderá ser apontado como um caminho a seguir, a promoção de um maior envolvimento e aproximação da comunidade local nos contextos sociais mais desfavorecidos, através da criação de colectividades de recreação ou associações desportivas juvenis e consequente dinamização de um maior número de actividades desportivas que satisfaçam as necessidades destes jovens, evitando que estes tenham como objectivo único a satisfação material impelidos pela actual sociedade de consumo e pelos comportamentos assumidos pelos seus pares, recorrendo, por vezes, à prática de ilícitos para o efeito. Poderão ser efectuadas parcerias com autarquias locais para a sua concretização, podendo estas entidades, nomeadamente em períodos de férias escolares e na ocupação de tempos livres implementar uma maior participação desportiva destes jovens, através da criação de programas desportivos sob orientação e de um maior número de estruturas físicas e materiais para a sua prática.

Na conclusão deste estudo, é importante referir algumas propostas para estudos futuros:

A inclusão do género feminino em comparação com o género masculino neste tipo de população a analisar neste estudo;

A associação e aplicação de outro tipo de construto, nomeadamente o Questionário do Desporto na Orientação para o Ego ou para a Tarefa (TEOSQ);

Associar aos questionários de natureza quantitativa, entrevistas de natureza qualitativa de forma a poder reforçar o estudo;

Realizar o mesmo tipo de estudo, comparando a mesma população em dois momentos diferentes num intervalo de tempo, em que será feito um acompanhamento na prática desportiva, no sentido de promover a aquisição de valores sócio-desportivos. Neste seguimento, seria importante, e uma mais-valia, implementar, na prática, projectos que permitam uma intervenção no terreno e, desta forma, avaliar estes jovens na sua integração e interiorização de valores, comparando os resultados obtidos no fim do seu período de execução. Neste âmbito poderá ser referido como exemplo o programa “*Segundo Tempo*”, que é um programa do Ministério do Desporto Brasileiro, destinado a democratizar o acesso à prática e à cultura do desporto de forma a promover o desenvolvimento integral de crianças, adolescentes e jovens, como factor de formação da cidadania e melhoria da qualidade de vida, prioritariamente em áreas de vulnerabilidade social. Este programa, adaptado à realidade portuguesa, poderá permitir a sua validação através da sua avaliação no terreno.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Adelino J. (1998). A Importância da Ética Desportiva na Prática Desportiva Juvenil. Notícias do Espírito Desportivo, n.º 1. Oeiras;
- Amaral G (coord.), Rangel R, Oliveira M, Ribeiro M, Leal R, Santos P, Seixas M, Meireis M, Carvalho H e Garret F (2009). Justiça e Delinquência, Porto: Fronteira do Caos Editores Lda;
- APA. AIEF (1998), FCDEF-UC;
- Bandura A. (1980). L´apprentissage social, Bruxelas: Mardaga;
- Bandura A. (1986). Social Foundations of thought and action: A social cognitive theory. Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall;
- Bandura A. (1991). Social cognitive theory of moral thought and action, in W.M.Kurtines and , handbook of moral behavior and development. I Theory, Hillsdale, Lawrence Erlbaum;
- Bandura A, Azzi R, Polydoro. (2008). Teoria social cognitiva: conceitos básicos. Porto Alegre, Artmed;
- Bento, J. (1998). Desporto e Humanismo: O campo do possível. Rio de Janeiro: Ed Verj;
- Best, C.(1985). Differences in social values between athletes and nonathletes. Research Quarterly for exercise and sport, 56, 4, 366-369;
- Biddle, S. e Mutrie, N. (2001). Psychology of Physical Activity – Determinants, well-being and interventions. London; Routledge;
- Bideaud J. (1980). Développement moral et développement cognitive. *Bulletin de psychologie*, 33 (345), pp 589-601;
- Bredemeier, B. (1994). Children´s moral reasoning and their assertive, aggressive, and submissive tendencies in sport and daily life. *Journal of Sport and Exercise Psychology*, 16, 1-14;
- Bredemeier, B., Weiss, M., Shields, D., & Cooper, B. (1986). The relationship of sport involvement with children´s moral reasoning and aggression tendencies. *Journal of Sport Psychology*, 8, 304-318;

- Boixadós M, Cruz J (1995). Construction of a fairplay attitude scale in soccer. In R. Vanfraechem-Raway & Y. Vanden Auweele (Eds.) *Proceedings of the IX European Congress on Sport Psychology*. Brussels: Belgian Federation of Sport Psychology, 4-11.
- Bourdieu P.(1994). *Sociologia* . Coleção Grandes Cientistas Sociais. São Paulo, Ed.Ática;
- Born M. (2005). *Psicologia da Delinquência*, Lisboa: Climepsi Editores;
- Brohm J. (1992), *Sociologie politique du sport*, 2º ed, Nancy, pun, pp.400;
- Chantal Y, Robin P, Vernat J-P, Bernache-Assolant I (2005). Motivation, sportspersonship, and athletic aggression: a mediational analysis. *Psychology of Sport and Exercise* 6: 233-249;
- Cid L. (2002). Reflexão sobre Ética no desporto para crianças e jovens. In *Revista Horizonte*. Vol. XVIII, n.º 104, pp. 36-39;
- Constantino J. (1998). Editorial. *Notícias do Espírito Desportivo*, n.º 3. Oeiras;
- Cruz S. (2002). Em torno da ética e do fair-play. *Notícias do Espírito Desportivo*. [http://www.cm-oeiras.pt.](http://www.cm-oeiras.pt;);
- Cruz J, Boixadós M, Valiente L, Torregrosa M (2001). Se pierde el “fairplay” y la eportividad en el deporte en edad escolar? *Apunts: Educación Física y Deportes* 64: 6-16.
- Cruz J, Boixadós M, Torregrosa M, Valiente L, Villamarin F (2001). Values, socio-moral attitudes and achievement goals among youth team sports participants in Spain. In A. Papaioannou, M. Goudas, Y. Theodorakis (Eds.) *In the Dawn of the Millenium: 10th World Congress of Sport Psychology*. Skiathos: Christodoulidi Publications, 195-197;
- Davis, H. e Baskett, G. (1979). Do athletes and non athletes have different values. *Athletic Administration*, 13, 17-19;
- Delgado, M. & Tercedor, P. (2002). *Estratégias de intervencion en education para la salud desde a education física*. Barcelona. Inde Publicaciones;
- Doganis, G. e Theodorakis, Y. (1995) The influence of attitude on exercise participation. In: Biddle, S. (Org.). *European perspectives on exercise and sports*. p. 26-44;
- Dosil, J.(2004). *Psicología de la actividade física y del deporte*. Madrid: McGrawHill;
- Dubois, P. (1986). The effect of participation in sport on the value orientations of youth athletes. *Sociology Sport Journal*, 3: 29-42;

- Escámez S.(1989). "Educación moral", in *Filosofía de la Educación Hoy*,Madrid, Dykinson, pp. 91-104;
- Farrington, D (2001). Prevenção centrada no risco. *Infância e Juventude*, 3 pp 9-29;
- García R, Perez E e Martinez R. (1991). *La Psicología Sociocognitiva del Desarrollo Moral*, XXI, Madrid;
- Gibbons S, Ebbeck V e Weiss M, (1995). *Fair Play for Kids: Effects on the moral development of children in physical education. Research Quarterly for Exercise and Sport*, 66,247-55;
- Gonçalves C. (2003). A Educação para os valores nas actividades físicas escolares. *Notícias do Espírito Desportivo*, n.º 21. Oeiras;
- Gonçalves CE.(2003). *Seminário Internacional Treino de Jovens “Ensinar Bem para Treinar Melhor”*. Instituto do Desporto Portugal, pp: 39-50 ;
- Gonçalves CE.(2007). Desportivismo e desenvolvimento de competências socialmente positivas. Estudo com jovens dos 13 aos 16 anos em diferentes ambientes de prática desportiva. C. Gonçalves. Dissertação de Doutoramento apresentada à Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física. Universidade de Coimbra;
- Gonçalves C, (1990). Espírito desportivo: Questão de ética, questão de educação. FCDEF-UP, D.E.A. Actas;
- Gonçalves CE, Coelho e Silva M, Chatzisarantis N, Lee MJ & Cruz J.(2006). Tradução e validação do SAQ (Sports Attitudes Questionnaire) para jovens praticantes desportivos portugueses com idades entre os 13 e os 16 anos. In *Revista Portuguesa Ciências do Desporto*, vol. 6 (1), pp: 38-49;
- Gonçalves C, Cumming S, Silva M e Malina R, (2007). *Sport and Education, Tribute to Martin Lee*. Imprensa da Universidade de Coimbra;
- Gonçalves C, Freitas F, Cardoso L, Lourenço J e Silva M. (2005). Valores, atitudes e orientação para a realização de objectivos no desporto de jovens. FCDEF-UC;
- Gutiérrez, M. (1995). *Valores Sociales y Deporte*, Madrid: Gymnos;
- Gutiérrez, M. (2003). *Manual Sobre Valores en la Educacion Física y el Deporte*. Barcelona: Paidós;

Horn, T. (2002). *Advances in Sport Psychology*. Second Edition. Human Kinetics Publishers, Inc;

Inglehart, R. (1977). *The silent revolution*. Princeton: University Press;

Kohlberg, L. (1976). Moral stage and moralization: The cognitive-developmental approach to socialization. In D. A Goslin, *Handbook of Socialization Theory and Research*, Chicago: Rand McNally, pp 325-480;

Lee, M. (1990). Conduta y actitudes relacionadas con el juego limpio en el deporte juvenil. *Papeles del Psicólogo*, 46, 55-61;

Lee, M. (1996). Young people, sport and ethics: an examination of fair play in youth sport. *Technical report to the Research Unit of the Sports Council*. Londres;

Lee MJ, Whitehead J, Ntoumanis N, Hatzigeorgiadis A (2002). The effect of values, achievement goals and perceived ability on moral attitudes in youth sport. *Technical Report to the Economic and Social Research Council*;

Loeber, R e Farrington, D (1998). *Serious e violent juvenile offenders. Risk factors and successful interventions*, Thousand Oaks, Sage;

Loeber R, Farrington D e Petechuk D. (2004). “Delinquência Infantil: Intervenção e Prevenção Precoces” em Infância e Juventude. Lisboa. - ISSN 0870-6565. - Nº 1, pp. 79-123;

Lourenço N, Lisboa M e Frias G, (2007). “Crime e Insegurança: delinquência urbana e exclusão social”. *Sub Júdice/Ideias*, 13, pp. 51-58;

Maio, G. R., Olson, J. M., Allen, L. & Bernard, M. (2001). Addressing discrepancies between values and behavior: The motivating effect of reasons. *Journal of Experimental Social Psychology*, 37, 104–117;

Marivoet S. (2002). “*Aspectos sociológicos do desporto*”, Lisboa: Livros Horizonte;

MARTENS, R (1976). Competition: in need of a theory. In: LANDERS, D. *Social problems in athletics*. Urbana: University of Illinois Press. pp.9-17;

Matos M. (1997). *Comunicação e gestão de conflitos na escola*. Lisboa : CDI FMH;

Matos M. (2005). *Comunicação, gestão de conflitos e saúde na escola*. Lisboa : CDI FMH;

- Matos M, Negreiros J, Simões C e Gaspar T (2009). *Violência, Bullying e Delinquência*. Lisboa : ISBN;
- Matos R. (1997). A prática desportiva e o desenvolvimento moral. Lisboa, *Horizonte*, 78 (13), 12-16;
- Menezes, I. (1998). O desenvolvimento psicológico na disciplina de Desenvolvimento Pessoal e Social. Porto: Universidade do Porto/Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação;
- Negreiros, J (1999). Abuso de drogas y prevención de la delinquência en entornos escolares. In Adrados , J. e Rodrigues, O. *Conducta antisocial, violência e drogas en la escuela*. Seminários Internacionales Complutenses. Madrid: Agencia Antidroga;
- Negreiros J. (2001). *Delinquências juvenis. Trajectórias, intervenções e prevenção*. Lisboa : Editorial Notícias;
- Nixon, H., (1980). Orientations toward sports participation among college students. *Journal of Sport Behaviour*, 3, 29-45;
- Paddick, R. (1991). “A ética desportiva e a luta pela vitória”, in *Treino Desportivo*, II Série, nº 21, pp 8-17;
- Palmer J e Hollin R, (1996). Assessing adolescent problems: an overview of the adolescent problems inventory. *Journal of Adolescence*, 19, 347-354;
- Pedhazur EL (1982). *Multiple regression in behavioural research – explanation and prediction*. Fort Worth: Holt, Rinehart & Winston;
- Piaget J. (1932). *Le jugement moral Chez l'enfant*, Paris, Alcan;
- Piaget J. (1964). *Six etudes de Psychologie*, Paris, Gonthier, p.72;
- Pociello C. (1981), *Sports et Société approche socio-culturelle des pratiques*, Paris, éd. Vigot, pp 377;
- Prat M, Soler S (2003). *Actitudes, Valores y Normas en la Educación Física y el Deporte*. Barcelona: INDE.

- Puga A. (2002). Ética e Contemporaneidade: o desporto profissional e a inserção das sociedades desportivas e do clube-empresa. Conferência proferida no 9º Congresso de Educação Física e Ciências do Desporto dos Países de Língua Portuguesa, São Luís/MA;
- Reinboth M, Duda J, Ntoumanis N (2004). Dimensions of coaching behavior, need satisfaction, and the psychological and physical welfare of young athletes. *Motivation and Emotion* 28 (3): 297-313;
- Roberts, (2001). *Advances in Motivation in Exercise and Sport*, Human Kinetics Publishers, Inc;
- Rodrigues A e Fonseca A. (2003). *Comentário da Lei Tutelar Educativa*. Coimbra. Editora;
- Rokeach, M. (1968). *Beliefs, attitudes and values: A theory of organization and change*. São Francisco: Jossey-Bass;
- Rokeach, M. (1973). *The nature of human values*. New York: Free Press;
- Rokeach, M. (1979). *Understanding human values*. New York: The Free Press. pp. 1-11;
- Santos R. (2002). Para centrar a intervenção nas questões do Espírito Esportivo - Fair Play. IX Congresso de Educação Física dos Países de Língua Portuguesa. São Luís, Maranhão;
- Sage, G. (1986). The Effects of Physical Activity on the Social Development of Children. *Effects of Physical Activity on Children*, 19, 22-29;
- Schwartz, S. H. (1992). Universals in the content and structure of values: Theoretical advanced and empirical testes in 20 countries. Em M. Zanna (Org.), *Advanced in experimental social psychology* (Vol. 25; pp. 1-65). Orlando: Academic Press;
- Segundo Tempo. Disponível em <http://portal.esporte.gov.br/snee/segundotempo>, consultado em 3-2-2010;
- Seligman, C. & Katz, A. (1996). The dynamics of value systems. Em C. Seligman, J. M. Olson & M. P. Zanna (Orgs.), *The psychology of values: The Ontario Symposium* (Vol. 8; pp. 53-75). Mahwah, NJ: LEA;

- Serpa S, Santos A, Gonçalves C, Adelino J, Vloet L, Horta L, Weiss O e Marivoet S. (2006), *Ética e Fair Play, Novas Perspectivas, Novas Exigências*, Confederação do Desporto de Portugal, 1ª Edição;
- Shea E. (1978). *Ethical decisions in physical education and sport*. Springfield, Illinois: Charles C. Thomas Publisher;
- Shields, D. e Bredemeier, B. (1995). *Character development and physical activity*. Champaign: Human Kinetics Press;
- Shields D, Bredemeier B, Power F (2002). Character development and children's sport. In F. Smoll & R. Smith (Eds.) *Children and Youth in Sport: a Biopsychosocial Perspective*. Dubuque: Kendall/Hunt, 537-563;
- Silva, J. (1983). The perceived legitimacy of rule violating behavior in sport. *Journal of Sport Psychology*, 5;
- Simon, G. (1996). Justice, Droit et Sport – la résolution des conflits sportifs. *Les Cahiers de L'INSEP*, 11;
- Torres, A. R. R., Pereira, C., Guimarães, J., Albernaz, M., Vieira, S. & Barros, T. (2001). Valores e psicologia social: Modelos de análise. *Estudos*, 28, 539–559;
- Vallerand R, Briere N, Blanchard C, Provencher P (1997). Development and validation of the multidimensional sportpersonship orientations scale. *Journal of Sport and Exercise Psychology* 16: 126-140;
- Vallerand R, Deshaies P, Cuerrier JP, Brière N, Pelletier L (1996). Toward a Multidimensional Definition of Sportsmanship. *Journal of Applied Sport Psychology* 8: 89-101;
- Weeb, H. (1969). Professionalization of attitudes toward play among adolescents. In G. Kenyon (Ed.), *Aspects of contemporary sport sociology*. Chicago: The Athletic Institute;
- Weinberg R e Gould D (2003). *Foundations of sport and exercise psychology*. Champaign, III. Human Kinetics;
- Whitehead J, Lee M, Hatzigeorgiadis (2003). Goal orientations as mediators for the personal value system. *Journal of Sport Sciences* 21: 4;

ANEXOS

ANEXOS

Versão em português do Sport Attitudes Questionnaire

**Faculdade de Ciências de Desporto e Educação Física
Universidade de Coimbra**

IDADE:	
---------------	--

QUESTIONÁRIO DE ATITUDES FACE AO DESPORTO

Por certo que praticas ou já praticaste algum tipo de desporto ou de actividade física. **Mesmo que nunca tenhas praticado**, responde da mesma forma às questões, assinalando cada frase com um círculo para mostrar como é que praticas ou praticarias a tua modalidade desportiva.

O significado dos algarismos é o seguinte:

1 = Discordo totalmente	DT
2 = Discordo	D
3 = Não tenho a certeza	N
4 = Concordo	C
5 = Concordo totalmente	CT

Exemplo	DT	D	N	C	CT
Dou sempre o meu melhor	1	2	3	4	5

“Se praticasse desporto...”

	DT	D	N	C	CT
1 Vou a todos os treinos	1	2	3	4	5
2 Às vezes perco tempo a perturbar o adversário	1	2	3	4	5
3 Era capaz de fazer batota se isso me ajudasse a ganhar	1	2	3	4	5
4 Cumprimento os adversários depois de uma derrota	1	2	3	4	5
5 Se os outros fazem batota, penso que também o posso fazer	1	2	3	4	5
6 Dou sempre o meu melhor	1	2	3	4	5
7 Como não é contra as regras pressionar psicologicamente os adversários, posso fazê-lo	1	2	3	4	5
8 Cumprimento o treinador adversário	1	2	3	4	5
9 Faço batota se ninguém der por isso	1	2	3	4	5
10 Por vezes tento enganar os meus adversários	1	2	3	4	5
11 Estou sempre a pensar em como posso melhorar	1	2	3	4	5
12 Felicito os adversários por um bom jogo ou por um bom desempenho	1	2	3	4	5
13 Por vezes é preciso fazer batota	1	2	3	4	5
14 Penso que posso perturbar os adversários desde que não viole as regras	1	2	3	4	5
15 Esforço-me sempre, mesmo que saiba que vou perder	1	2	3	4	5
16 Não há problemas em fazer batota se ninguém notar	1	2	3	4	5
17 Seja qual for o resultado, cumprimento os meus adversários	1	2	3	4	5
18 Se não quiser que alguém jogue bem, tento perturbá-lo um pouco	1	2	3	4	5
19 Por vezes faço batota para obter vantagem	1	2	3	4	5
20 É uma boa ideia irritar os meus adversários	1	2	3	4	5
21 Não desisto mesmo depois de ter cometido erros	1	2	3	4	5
22 Depois de ganhar cumprimento os meus adversários	1	2	3	4	5
23 Tento que os árbitros decidam a meu favor, mesmo que não seja verdade	1	2	3	4	5